



**UFAM**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO**

**PRATICADA: UM ESTUDO COM HOMENS DO AMAZONAS**

**RONALDO BRAGA DANTAS FILHO**

**MANAUS**

**2023**

RONALDO BRAGA DANTAS FILHO

**CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO  
PRATICADA: UM ESTUDO COM HOMENS DO AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, vinculada à linha de Processos Psicológicos e Saúde, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gisele Cristina Resende

MANAUS

2023

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

D192c Dantas Filho, Ronaldo Braga  
Concepções de masculinidade e violência por parceiro íntimo  
praticada: um estudo com homens do Amazonas / Ronaldo Braga  
Dantas Filho . 2023  
99 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Gisele Cristina Resende  
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicológicos e  
Saúde) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Masculinidades. 2. Masculinidade hegemônica. 3. Homens. 4.  
Violência por parceiro íntimo. 5. Gênero. I. Resende, Gisele  
Cristina. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO**  
**PRATICADA: UM ESTUDO COM HOMENS DO AMAZONAS**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gisele Cristina Resende  
Universidade Federal do Amazonas  
Presidente/Orientadora

---

Prof. Dr. Marcelo Xavier de Oliveira  
Universidade Federal do Acre  
Membro externo

---

Prof. Dr. Marck de Souza Torres  
Universidade Federal do Amazonas  
Membro interno

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Cristie de França Silva  
Universidade de Brasília  
Suplente externo

---

Prof Dr Breno de Oliveira Ferreira  
Universidade Federal do Amazonas  
Suplente interno

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família, pois sem o apoio deles não teria sido possível chegar até aqui. Aos meus pais, Ronaldo e Adalgiza, que sempre fizeram o seu melhor, me apoiaram em cada decisão e merecem muito mais ainda do que posso oferecer-lhes.

À minha amada companheira, Ana Paula, que encarou todo esse processo junto a mim, sempre pronta a ajudar e contribuir com uma nova ideia. Sem o seu apoio também não teria sido possível. Conseguimos!

À minha irmã Sâmilly, minha sobrinha Sabrina e a todos os outros amigos que me ouviram falar incessantemente sobre o trabalho, aos que me ajudaram na divulgação e, de muitas outras formas, também me apoiaram nesse percurso.

À minha orientadora, professora Gisele, que, com sua calma, sempre me transmitiu exatamente aquilo que eu precisava ouvir.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pois, cada um, à sua maneira, também contribuiu com o resultado final desse trabalho.

A todos os colegas de turma, que tornaram toda a experiência do mestrado, desde o primeiro momento, mais tranquila e acolhedora.

E, por fim, não poderia deixar de ser grato a mim mesmo, por não ter desistido mesmo quando não via caminho e por ter sido forte o suficiente pra persistir e chegar até aqui.

## RESUMO

A construção das masculinidades ocorre a partir de *scripts* de gênero que são determinados previamente ao nascimento dos sujeitos, aos quais eles buscarão se adaptar. A esses padrões refere-se o conceito de masculinidade hegemônica. Assim, é possível vislumbrar problemas quando se percebe que os homens se encontram no cerne de diversas estatísticas referentes à violência, por exemplo, liderando números de homicídios e protagonizando índices alarmantes de violência por parceiro íntimo praticada. Levando isso em consideração foi desenvolvida essa pesquisa, que consistiu de dois estudos, com o objetivo geral de analisar concepções de masculinidade de homens do Brasil e do Amazonas e suas relações com violências por parceiro íntimo praticadas. O primeiro estudo foi uma revisão integrativa de literatura brasileira, visando investigar relações entre as masculinidades e violências em nosso país. Foram analisados 17 artigos que indicaram seis categorias analíticas: 1) Relatos de homens autores de violência; 2) Sentidos de gênero e violência entre adolescentes; 3) Suicídio e masculinidades; 4) Perspectivas de profissionais sobre fatores relacionados à violência e sofrimento dos homens; 5) Caracterização da violência; 6) Construções de gênero entre casais com histórico de violência e idosos asilados. Concluiu-se que construções tradicionais de masculinidade, calcadas em ideais como virilidade e valentia foram citadas por homens em contextos de violência, o que denota que essas concepções podem influenciar na ocorrência de violências contra outros e contra si próprios. O segundo estudo teve como objetivo analisar correlações entre concepções da masculinidade hegemônica e violências por parceiro íntimo praticadas por homens do Amazonas. Teve delineamento quantitativo, do tipo descritivo, exploratório e correlacional. Foram utilizados dois instrumentos: a Escala de Concepções da Masculinidade, que visou aferir a adesão a concepções de masculinidade e a *Revised Conflict Tactics Scales 2*, que investigou violências por parceiro íntimo praticadas e sofridas pela amostra. Participaram 218 homens, com idades entre 18 e 59 anos ( $M = 27.9$ ).

Os resultados não apontaram correlação estatisticamente significativa entre as concepções de masculinidade e VPI praticadas por homens nessa amostra. Observaram-se, entretanto, correlações significativas entre fatores da masculinidade, além de correlações entre VPI praticadas e sofridas. Conclui-se que há uma tendência à adoção de um conjunto de concepções sobre as masculinidades por parte de homens, bem como que a VPI ocorre, na maior parte das vezes, com sobreposição dos tipos de violência, sendo a agressão psicológica mais frequente, seguida da violência física e coerção sexual. Em conjunto, esses trabalhos reforçam a necessidade de aprofundar o estudo das relações entre masculinidades e violências, buscando minimizar o impacto desse problema.

*Palavras-chave:* Masculinidades, Masculinidade hegemônica, Homens, Violência por parceiro íntimo, Gênero

## ABSTRACT

The construction of masculinities occurs based on gender scripts that are determined prior to the birth of the subjects, to which they will seek to adapt. To these standards refers the concept of hegemonic masculinity. Thus, it is possible to envisage problems when we realize that men are at the heart of several statistics relating to violence, for example, leading to homicide rates and leading an alarming number of reports of intimate partner violence. Taking this into consideration, this research was developed, which consisted of two studies, with the general objective of analyzing conceptions of masculinity of men from Brazil and Amazonas and their relationships with committed intimate partner violence. The first study was an integrative review of Brazilian literature, aiming to investigate relationships between masculinities and violence in our country. 17 articles were analyzed, indicating six analytical categories: 1) Reports of men who commit violence; 2) Senses of gender and violence among adolescents; 3) Suicide and masculinities; 4) Professionals' perspectives on factors related to violence and suffering of men; 5) Characterization of violence; 6) Gender constructions among couples with a history of violence and elderly people in nursing homes. It was concluded that traditional constructions of masculinity, based on ideals such as virility and courage, were cited by men in contexts of violence, which denotes that these conceptions can influence in the occurrence of violence against others and against themselves. The second study had the objective to analyze correlations between conceptions of hegemonic masculinity and violence by intimate partner practiced by men from Amazonas. It had a quantitative design and it was descriptive, exploratory and correlational. Two instruments were used: the Meanings of Adolescent Masculinity Scale, which aimed to assess adherence to conceptions of masculinity, and Revised Conflict Tactics Scales 2, which investigated intimate partner violence committed and suffered by the sample. 218 men participated, aged between 18 and 59 years ( $M = 27.9$ ). The results did not indicate a statistically significant



correlation between the conceptions of masculinity and IPV practiced by men in this sample. However, it was observed significant correlations between masculinity factors, in addition to correlations between IPV practiced and suffered. It is concluded that there is a tendency to adopt a set of conceptions about masculinities on the part of men, as well as that IPV occurs, in most of the time, with overlapping types of violence, with psychological aggression most frequent, followed by physical violence and sexual coercion. Taken together, these works reinforce the need to deepen the study of the relationships between masculinities and violence, seeking to minimize the impact of this problem.

*Keywords:* Masculinities, Hegemonic Masculinity, Men, Intimate partner violence, Gender

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

### **ESTUDO 1**

Figura 1: Fluxograma de seleção dos artigos

26

## LISTA DE TABELAS

### ESTUDO 1

Tabela 1: Estudos com a temática da masculinidade e violência	28
---	----

### ESTUDO 2

Tabela 1: Descrição da amostra	52
--------------------------------	----

Tabela 2: Média e desvio padrão dos fatores da ECM	57
--	----

Tabela 3: Média e desvio padrão dos fatores praticados e sofridos na CTS-2	58
--	----

Tabela 4: Análises correlacionais entre as variáveis da ECM e táticas de resolução de conflito praticadas	60
---	----

Tabela 5: Análises correlacionais entre táticas de resolução de conflito sofridas e praticadas	63
--	----

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	14
<b>REFERÊNCIAS</b>	18
<b>ESTUDO 1 - AS MASCULINIDADES E SUAS RELAÇÕES COM A VIOLÊNCIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA BRASILEIRA</b>	20
RESUMO	20
1. INTRODUÇÃO	21
2. MÉTODO	24
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
3.1 RELATOS DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA	30
3.2 SENTIDOS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES	22
3.3 SUICÍDIO E MASCULINIDADES	33
3.4 PERSPECTIVAS DE PROFISSIONAIS SOBRE FATORES RELACIONADOS À VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO DOS HOMENS	35
3.5 CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA	36
3.6 CONSTRUÇÕES DE GÊNERO ENTRE CASAIS COM HISTÓRICO DE VIOLÊNCIA E IDOSOS ASILADOS	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
<b>ESTUDO 2 – AS RELAÇÕES ENTRE CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO PRATICADA POR HOMENS DO AMAZONAS</b>	46
RESUMO	46
1. INTRODUÇÃO	47
2. MÉTODO	52
2.1 PARTICIPANTES	52
2.2 INSTRUMENTOS	53
2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	55
2.4 ANÁLISE DOS DADOS	56

2.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	56
3. RESULTADOS	56
3.1 PERFIL DOS HOMENS EM RELAÇÃO ÀS CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIAS SOFRIDAS E PRATICADAS	56
3.2 CORRELAÇÕES ENTRE OS FATORES DA ECM E DA CTS-2	58
4. DISCUSSÃO	64
4.1 PERFIS DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIAS SOFRIDAS E PRATICADAS POR HOMENS DO AMAZONAS	64
4.2 CORRELAÇÕES ENTRE CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIAS PRATICADAS E SOFRIDAS POR HOMENS DO AMAZONAS	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72
<b>CONCLUSÃO</b>	77
<b>ANEXOS</b>	80
ANEXO 1– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	81
ANEXO 2 – Termo de Anuência do Centro de Serviços de Psicologia Aplicada	85
ANEXO 3 – Questionário sociodemográfico	86
ANEXO 4 – Escala de Concepções da Masculinidade (ECM)	87
ANEXO 5 – <i>Revised Conflict Tactics Scales 2 (CTS-2)</i>	89

## APRESENTAÇÃO

Homens e mulheres são socializados para reproduzirem e *performarem* (Butler, 2003) certos *scripts* culturais de comportamento que dizem respeito ao que é aceitável ou não dentro da expressão de seu gênero em seu contexto social. Essas prescrições são dadas previamente ao nascimento dos sujeitos, e, a partir delas, determinados comportamentos serão incentivados e reforçados enquanto outros serão rechaçados em virtude de não se adequarem às concepções de gênero esperadas naquele período sócio-histórico. No caso dos homens, um exemplo é o dito amplamente difundido em nossa sociedade de que “homem não chora”, que certamente influenciou a expressão ou não-expressão emocional de muitos homens.

Ocorre que essas prescrições de comportamento não são naturalmente dadas aos sujeitos a partir de uma natureza biológica, conforme se acreditou anteriormente. Tais concepções são, na realidade, uma “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2003, p.59).

A partir disso, sujeitos que não se adequem a essas prescrições comportamentais podem ser alvo de ridicularizações e questionamentos acerca de suas masculinidades. Situações como essa podem refletir em adoecimentos psíquicos e tornarem-se demandas de saúde mental, nas quais psicólogos precisarão intervir no futuro. Além disso, outras demandas também podem surgir justamente a partir do descompasso de comportamentos ou sentimentos reais do sujeito com aqueles esperados a partir da expressão de gênero prevista em seu contexto.

No que se refere à construção hegemônica das masculinidades (Connell, 2005) - ou seja, aquela que parece ser a dominante e expressar o ideal masculino em nossa sociedade - observam-se dentre suas características uma exacerbação da agressividade, cuja manifestação muitas vezes ocorre através de comportamentos violentos, além de ser pautada na dominação de mulheres e de outros sujeitos, que são considerados como pertencentes a hierarquias inferiores. No contexto cultural brasileiro, a construção e subjetivação das masculinidades apoia-se fortemente no dispositivo da eficácia, onde se exercem e exaltam as virilidades sexual e laborativa (Zanello, 2018).

Sob essas influências socioculturais, ao longo de suas vidas os indivíduos aprendem o que significa ser um homem e como se comportar como tal. Durante seu desenvolvimento e processo de formação de sua identidade e personalidade, desde jovens os homens “vivenciam as tensões e ansiedades geradas por uma identidade constantemente ameaçada e que necessita ser reforçada por meio de comportamentos reafirmadores, viris, e agressivos, tornando-os agentes de violência” (Souza, 2005, p. 61). Portanto, a partir dessas demandas, surgem manifestações de força, coragem, virilidade, ênfase no heterossexismo e atividade sexual, dentre outros comportamentos realizados por homens com o objetivo de reafirmar suas masculinidades e que trazem consigo significados mais profundos, associados à manutenção do poder e reafirmação da dominação masculina (Bourdieu, 2020).

Levando isso em consideração, não é difícil fazer uma conexão entre as expressões das masculinidades com os números concretos que inserem os homens como protagonistas na discussão acerca da violência em nossa sociedade. Dados apontam a predominância da vitimização de homens, sobretudo jovens, nas estatísticas de homicídios no Brasil, bem como em atendimentos hospitalares decorrentes de violência. Dentre todos os homicídios registrados no Brasil no ano de 2019, mais da metade das vítimas estavam no intervalo de

idade compreendido entre os 15 e 29 anos. Nessa estatística, os homens representam 93,9% do total de mortes, tornando clara a importância dos fatores gênero e idade nesse fenômeno.

Além disso, também se observam alarmantes índices de violência de gênero, uma vez que o Brasil ocupa o 5º lugar mundial no ranking de feminicídios. Em estudo conduzido em serviços de atenção primária à saúde, constatou-se que mais da metade dos homens já praticaram algum tipo de violência contra suas parceiras e também sofreram violência ao longo da vida (Schraiber, 2012; Waiselfisz, 2015; Cerqueira et. al., 2021).

A violência é um problema sócio-histórico, com o qual a humanidade convive desde seus primórdios. Em si, não é exatamente um problema da área da saúde, sendo estudada há muito tempo por diversas especialidades do saber filosófico e científico. No entanto, suas consequências tornam-se demanda em serviços de saúde na forma de sequelas físicas e emocionais decorrentes desses atos violentos, o que exige preparo aos profissionais para que prestem assistência adequada às vítimas nos diversos níveis a que venham necessitar.

A morte violenta é apenas a parte mais visível do todo, que chega com maior facilidade às estatísticas oficiais. Há também aqueles casos em que a informação chega a autoridades de saúde em virtude da necessidade de atendimentos de emergência ou através de denúncias. No entanto, abaixo da superfície estão aqueles casos onde a notificação não é imediata e, em muitos casos, é subnotificada ou nem mesmo chega a ocorrer.

Se no contexto nacional, homens estão implicados nos altos índices de violência contra mulheres e outros homens, também especificamente na região Norte percebe-se um número elevado dessas ocorrências. No Atlas da Violência de 2021 constata-se que essa região tem as maiores taxas de homicídio dentre todas as regiões do país. O estado do Amazonas foi o único estado no Brasil a apresentar aumento em suas taxas de homicídio em relação ao ano anterior, figurando entre os líderes no país na taxa de homicídios a cada 100



mil habitantes (Cerqueira et. al., 2021). Em geral, a violência letal na região amazônica é 38% superior às demais regiões do Brasil (FBSP, 2022).

No que tange a violência contra a mulher, os quatro estados brasileiros com as maiores taxas de homicídios de mulheres por 100 mil habitantes pertencem à região Norte, a saber: Roraima, Acre, Amazonas e Pará (Cerqueira et. al., 2021). Vale a ressalva que esses números não englobam somente as mortes decorrentes de conflitos de gênero, podendo também estar incluídas nessa estatística ocorrências de outra natureza. No entanto, ainda assim são dados que representam uma realidade alarmante, sobretudo levando em consideração que 33.3% desses homicídios de mulheres ocorreram em suas residências, o que é um marcador da proximidade das vítimas com seus agressores. Esses dados refletem a importância dos conflitos de gênero e da violência por parceiro íntimo na discussão de violência e inserem mais uma vez a região Norte do Brasil e o Amazonas como pontos de atenção no debate dessa problemática.

No âmbito da pesquisa acadêmica, a Organização Mundial da Saúde ressalta a importância da produção de conhecimento acerca da violência através de coleta de dados sobre sua magnitude, de pesquisas que investiguem relações de causa e fatores que possam influenciar sua ocorrência, bem como o desenvolvimento de intervenções e planos de ação que possam ajudar no combate à violência e a mitigar os seus efeitos (Krug et. al., 2002). Além disso, para compreender um fenômeno tão complexo como a violência, é imprescindível o emprego de abordagens interdisciplinares e transdisciplinares que ofereçam visões quantitativas e qualitativas do fenômeno (Minayo, 2006).

Levando todos esses dados em consideração foi desenvolvida essa pesquisa, que se propôs a analisar concepções de masculinidade de homens do Brasil e do Amazonas e suas relações com violências por parceiro íntimo praticadas. Essa pesquisa tem como objetivo analisar possíveis influências que concepções hegemônicas de masculinidade possam exercer

na ocorrência de episódios de violência por parceiro íntimo ao longo da vida desses homens, visando também contribuir com a obtenção de dados relevantes acerca da magnitude da violência nesse contexto.

## REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. (2020) *A dominação masculina*. (18ª edição). Ed. Bertrand.
- Bueno, S. & Lima, R. (2022). *Amazônia como síntese da violência extrema*. In: Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022. Ano 16, 2022.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (Renato Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cerqueira, D. (Org.). (2021). Atlas da violência 2021. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Connell, R. (2005). *Masculinities*. 2nd ed. Cambridge: Polity Press.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP (2021). *Anuário brasileiro de segurança pública 2021*. Edição 15. São Paulo.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP (2022). *Anuário brasileiro de segurança pública 2022*. Edição 16. São Paulo.
- Krug, E.; Dahlberg, J.; Mercy, J. Zwi, A. & Lozano, R. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde.

Minayo, M (2006). *Violência e saúde*. Editora Fiocruz.

Organização Mundial da Saúde (2015). *Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014*. São Paulo: Núcleo de estudos da violência da Universidade de São Paulo.

Schraiber, L., Barros, C., Couto, M., Figueiredo, W. & Albuquerque, F. (2012). Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. v. 15, n.4. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2012000400011>

Simon, L (2016). Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. Londrina: *Revista Estação Literária*, v. 16, p. 8-28.

Souza, E (2005). Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (1):59.

Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015 – Homicídios de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: CEBELA – Centro de Estudos Latino Americanos/FLACSO; Brasília: SEPPPIR/PR. Disponível em: <https://tinyurl.com/45j3cjh5>

Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* (1a ed.). Curitiba: Appris.

## **ESTUDO 1**

### **AS MASCULINIDADES E SUAS RELAÇÕES COM A VIOLÊNCIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA BRASILEIRA**

#### **RESUMO**

Esse trabalho consiste de uma revisão integrativa da literatura brasileira que visou compreender como as masculinidades hegemônicas podem contribuir para a ocorrência de violências. Os bancos de dados pesquisados foram Periódicos CAPES e Biblioteca Virtual em Saúde-Psi, através da qual foi efetuado o acesso às bases bibliográficas Index Psi Periódicos Técnico-Científicos e LILACS. Foram extraídos inicialmente 505 resultados, que, após procedimentos de triagem e aplicação de critérios de inclusão e exclusão resultaram na amostra final de 17 artigos, apresentados nesse estudo. A análise dos estudos evidenciou o surgimento de seis categorias analíticas: 1) Relatos de homens autores de violência; 2) Sentidos de gênero e violência entre adolescentes; 3) Suicídio e masculinidades; 4) Perspectivas de profissionais sobre fatores relacionados à violência e sofrimento dos homens; 5) Caracterização da violência; 6) Construções de gênero entre casais com histórico de violência e idosos asilados. Conclui-se que as masculinidades apresentadas enquanto hegemônicas nos estudos analisados parecem favorecer a ocorrência de violência dirigida tanto aos outros quanto a si próprios por parte dos homens.

*Palavras-chave:* Masculinidades, Homens, Violência, Gênero, Revisão integrativa

## 1. Introdução

Homens são socializados por meio de de amigos, familiares e instituições como escola, igreja, mídia, dentre outras, para adotar padrões de masculinidade dominantes em seu contexto. Desde antes do seu nascimento, determinadas condutas são esperadas desses sujeitos, moldando-os de acordo com as prescrições culturais predominantes para seu gênero, ocasionando com que durante o seu desenvolvimento esses sujeitos busquem se ajustar a essas expectativas criadas sobre si.

No caso das masculinidades, a expressão emocional, passividade e o choro podem ser fortemente negados, embrutecendo o psiquismo e reprimindo sentimentos vistos como inadequados, processo que pode trazer consequências no desenvolvimento emocional e a capacidade de manter bons relacionamentos interpessoais. Uma pesquisa estadunidense demonstrou que garotos que violam essas normas prescritas socialmente tendem a sofrer mais violência por parte de seus pares na escola, fator que também pode resultar em problemas de saúde mental (Kosciw et. al., 2016).

As condutas prescritas e esperadas pelo ideal de masculinidade hegemônica não podem ser atribuídas a uma característica biológica ou naturalizada do homem, conforme se acreditou em outros momentos. Com as reflexões trazidas por Butler (2003), compreendeu-se que a construção de condutas esperadas a partir do gênero se dá a partir de discursos produzidos por setores reguladores das práticas sociais, formando sujeitos, definindo-os e regulando-os através do atendimento ou não a essas normas.

O estudo das masculinidades iniciou-se após os movimentos realizados pelas mulheres. Ao longo da década de 1980, autoras, sobretudo, da segunda onda dos movimentos feministas, passaram a questionar as construções do gênero e do tornar-se mulher a partir das diferenças existentes dentro de outras experiências enquanto sujeito além do próprio gênero. Esse questionamento por parte das mulheres levou também a pensar de que formas são

constituídas as subjetividades dos homens, presumindo que esta é, de maneira similar, atravessada por variáveis como cultura, classe social, orientação sexual, dentre outras. Essa linha de investigação tomou, desde então, as masculinidades enquanto objeto de estudo (Narvaz, 2009; Barral, 2019).

O conceito de masculinidade hegemônica é entendido como um padrão de práticas - ou seja, coisas feitas e ditas, expectativas, identidades - através das quais os homens se expressam e que permitem a dominação dos homens sobre as mulheres bem como sobre outros homens, englobando normas sociais e culturais as quais os homens estão sujeitos e devem seguir para serem legíveis pela sociedade enquanto tal (Connell & Messerschmidt, 2013). É importante salientar que essa masculinidade hegemônica é socialmente construída e não é estática, mas varia entre diferentes culturas, na mesma cultura ao longo do tempo, na história de vida de um mesmo sujeito e também a partir de outras variáveis como classe social, etnia, orientação sexual, dentre outras (Kimmel, 2016).

Ainda assim, na constituição das masculinidades e do que significa ser homem, a agressividade e a violência parecem ser características importantes e relativamente constantes em diferentes contextos (Grossi, 2004; Zanello, 2018). Além disso, a masculinidade deve ser constantemente provada (Kimmel, 2016). Assim, os meninos são envolvidos desde cedo em diversos ritos de passagem e de provação, que, em larga escala, envolvem violência física, marcando nos corpos a virilidade. Um exemplo é o esporte, que possui *status* central na constituição das masculinidades (Welzer-Lang, 2001).

Para Zanello (2018), no contexto histórico-cultural brasileiro o dispositivo da eficácia entra em ação, valorizando nas masculinidades principalmente dois aspectos fundamentais: a virilidade sexual e a laborativa. Esse dispositivo também se manifesta de duas formas, a primeira no sentido de produzir *performances* e comportamentos e, na outra, interditando comportamentos indesejados.

Ou seja, espera-se que o homem prove sua masculinidade e possua bom desempenho no trabalho, sendo provedor, acumulando posses e *status* e exercendo poder através da virilidade laborativa, mas também no âmbito sexual, com boa *performance* e variedade de parceiras, além de rejeitar qualquer possibilidade de relações homossexuais, afirmando assim seu heterossexismo. É como se na relação sexual também estivesse contida a noção de produtividade, eficiência e eficácia que norteia a virilidade laborativa (Zanello, 2018).

Além disso, esse dispositivo refere-se não somente à leitura social que estes recebem, mas possui caráter identitário muito forte. Portanto, o sujeito que não se encaixa pode sofrer psiquicamente por não conseguir atingir tais expectativas. É importante salientar que a masculinidade hegemônica constitui-se mais como ideal a ser seguido do que como normatividade estatística. Pode-se encontrar que uma minoria de homens a adote em sua completude, no entanto, essa concepção hegemônica é normativa e exige que os homens se posicionem em relação a ela.

A masculinidade hegemônica que condiciona a expressão dos homens exerce influência e produz consequências nocivas. A Associação Americana de Psicologia (APA), por exemplo, publicou em 2018 um guia para a prática profissional com homens e garotos, reconhecendo que a maneira que esses sujeitos experienciam e performam sua masculinidade pode influenciar negativamente seu comportamento e causar consequências a si próprios e aos outros (APA, 2018).

Ao falar de violência salientando as masculinidades, é inevitável referir-se à violência de gênero, e os índices alarmantes de violência contra a mulher e feminicídio - *ranking* no qual o Brasil ocupa o 5º lugar mundial - são evidências irrefutáveis desse problema (Waiselfisz, 2015). O número de mulheres que sofre violência dentro de casa é 2,7 vezes maior em comparação aos homens, revelando a dimensão da violência de gênero no Brasil (Cerqueira et. al., 2020).

Além da violência de gênero e do feminicídio, outros dados situam os homens no cerne dos dados e da discussão sobre violência. De acordo com o Atlas da Violência de 2020, 91,8% das vítimas de homicídios no Brasil são homens, sendo maior a ocorrência entre os mais jovens. A partir de tentativas de provar sua masculinidade engajando-se em comportamentos de risco, homens cometem mais violência e morrem mais do que as demais populações, sofrem mais acidentes de trânsito, abusam de álcool e drogas e cometem mais suicídio (Laurenti et. al., 2005; Schraiber et. al., 2012; Separavich & Canesqui, 2013; Cerqueira et. al., 2020).

Levando esse contexto em consideração, é certo que não se pretende analisar as masculinidades enquanto categoria estanque, em virtude de suas múltiplas interseções. No entanto, embora essas diferenças sejam um fato, entende-se que é importante verificar como alguns desses padrões hegemônicos socialmente endossados a respeito da construção do homem e das masculinidades podem influenciar os comportamentos desses sujeitos no âmbito social e pessoal, e de que maneiras podem favorecer condutas violentas danosas. Assim, com o objetivo de mapear o campo das masculinidades e interseções com a violência no âmbito das publicações científicas brasileiras, realizou-se essa revisão integrativa.

## **2. Método**

Esta revisão de literatura apoiou-se em uma metodologia integrativa, percorrendo as etapas de elaboração da pergunta norteadora da pesquisa, definição dos descritores, busca nas bases de dados, avaliação crítica dos resumos, análise dos textos completos, seleção final dos artigos e interpretação dos resultados (Souza et. al., 2010).

Após a definição da pergunta norteadora “De que maneiras a adoção de concepções hegemônicas de masculinidade podem estar relacionadas a violências?”, procedeu-se à fase de coleta de dados, onde a estratégia adotada foi a busca, em bases de dados de grande



alcance e relevância no cenário acadêmico brasileiro, a partir da seguinte combinação de descritores: “masculinidade” e “violência”, relacionados pela expressão *booleana* “and”.

Foram selecionados, portanto, as bases de dados Portal de Periódicos da CAPES (400 resultados) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Psi Brasil), através da qual foi efetuado acesso às bases bibliográficas Index Psi Periódicos Técnico-Científicos (14 resultados) e LILACS (91 resultados). Os artigos foram coletados e analisados por dois juízes independentes. Em caso de divergências, buscou-se a concordância entre ambos. A seleção dos artigos foi realizada a partir dos seguintes critérios de inclusão: a) Ter como tema principal de investigação as masculinidades e violência; c) Ter sido publicado a partir do ano de 2010; d) Ter sido realizado no Brasil; e) Artigos da Psicologia ou de áreas correlatas. Por outro lado, os critérios de exclusão adotados foram: a) Textos de teses, dissertações, revisões de literatura, resenhas e entrevistas; b) Textos duplicados.

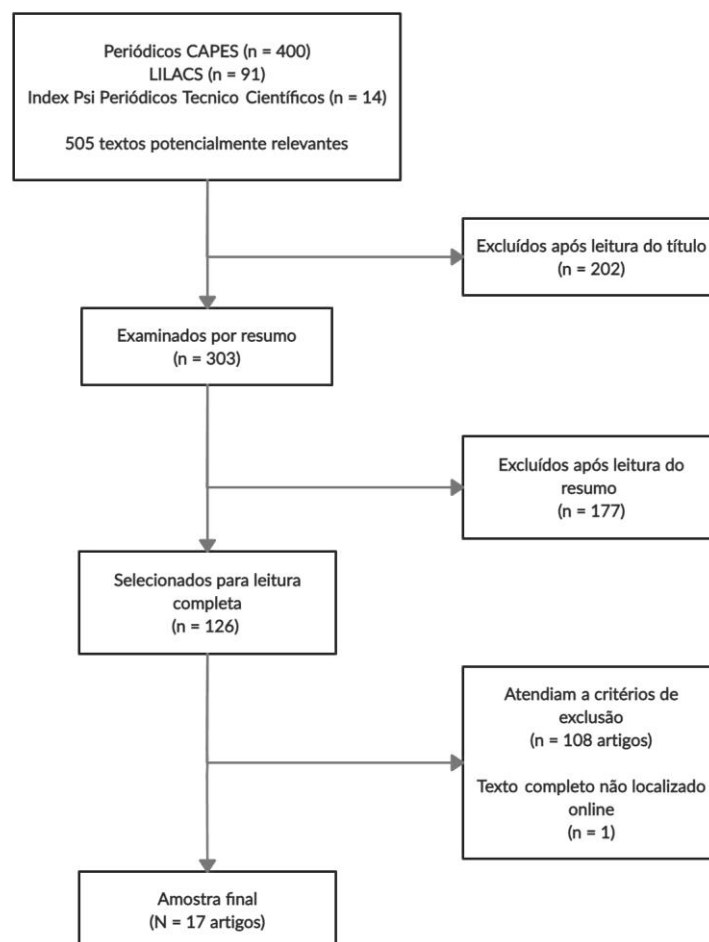
O recorte temporal utilizado foi de onze anos, sendo considerados para análise artigos publicados a partir de 2010 até 2021, e justifica-se uma vez que a intenção foi cobrir o espaço temporal da última década tendo em vista o aumento da discussão em torno desse tema nesse período tanto no âmbito social quanto dentre as publicações acadêmicas. A opção por focar o cenário brasileiro em detrimento de publicações internacionais se deu em função da cultura marcada por uma visão tradicional de masculinidade tradicional e viril, que pode favorecer situações de violência (Barral, 2019), além da necessidade de mapear o campo das masculinidades e violências no contexto brasileiro.

Inicialmente, os resultados apontaram um número total de 505 artigos. A partir disso, foram lidos todos os títulos e resumos, procedimento que possibilitou a exclusão de 202 resultados, e todos os resumos (*abstracts*), sendo também descartados 177 textos, sendo que os motivos mais frequentes para a exclusão foram não abarcar os temas de interesse do estudo ou encaixarem-se nos critérios de exclusão.

Os 126 textos restantes foram, então, extraídos das bases de dados e incluídos em um programa de planilhas (*Microsoft Excel*), contendo informações como título, participantes, objetivos, dentre outras, e, posteriormente, lidos de maneira completa e analisados. Dentre esses, 108 também atendiam a critérios de exclusão e em um deles o texto completo não foi localizado online, e foram, portanto, descartados. Dessa maneira, o resultado final da busca contemplou os 17 artigos que compõem a amostra final desse estudo.

### Figura 1

Fluxograma de seleção dos artigos



Para analisar os resultados, foi utilizada análise temática conforme proposto por Braun e Clarke (2006). Esse método de análise tem como objetivo identificar, analisar e relatar

padrões temáticos em um agrupamento de dados. Dá-se a partir de seis passos: 1) Familiarização com os dados; 2) Geração dos códigos iniciais; 3) Busca por temas; 4) Revisão dos temas, 5) Definição e denominação dos temas; e, por fim, 6) Produção do relatório (Rosa & Mackedanz, 2021).

Assim, para a análise qualitativa dos estudos, a partir de agrupamentos por semelhança temática foram criadas seis categorias analíticas: 1) Relatos de homens autores de violência; 2) Sentidos de gênero e violência entre adolescentes; 3) Suicídio e masculinidades; 4) Perspectivas de Profissionais Sobre Fatores Relacionados à Violência e Sofrimento dos Homens; 5) Caracterização da violência; e 6) Construções de Gênero Entre Casais com Histórico de Violência e Idosos Asilados.

### **3. Resultados e Discussão**

No que tange ao delineamento dos estudos, encontrou-se dois artigos com delineamento quantitativo e um com delineamento misto, enquanto catorze deles eram qualitativos, denotando preferência por essa metodologia na literatura pesquisada. Quanto à coleta de dados, observou-se privilégio às entrevistas semiestruturadas, com nove artigos utilizando esse método. Além disso, três artigos utilizaram entrevistas abertas, três utilizaram questionários, três usaram grupos focais e outros dois a autópsia psicossocial. Com apenas uma utilização apareceu o diário de campo. Os questionários utilizados foram: Formulário VIVA (Ficha de Notificação de Violências e Acidentes em Unidades de Urgência e Emergência) (Ministério da Saúde, 2016), a Escala CADRI (*Conflict in Adolescents Dating Relationships*) (Minayo et. al., 2011) e um Questionário Adaptado do instrumento WHO-VAW da Organização Mundial da Saúde, voltado à investigação de violência contra as mulheres (Schraiber et. al., 2010).

Com relação à localização geográfica, notou-se equivalência entre as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, com três estudos provenientes de cada uma. Depois apareceu a região Nordeste com duas produções, enquanto a região Norte foi palco de apenas um estudo, sendo a menos prevalente na amostra. No entanto, vale ressaltar que cinco estudos na amostra foram realizados a nível nacional e abarcaram múltiplas cidades, contemplando sujeitos das cinco regiões do Brasil. Percebeu-se também que a maioria dos autores nos artigos dessa amostra são mulheres, somando 33 pesquisadoras, enquanto apareceram apenas 11 homens autores, um terço quando comparados a elas. Esse fato denota menor engajamento masculino, bem como a necessidade de que os pesquisadores homens se impliquem nos estudos sobre as masculinidades e suas consequências.

A tabela 1 sintetiza os principais achados e a categoria de análise na qual o artigo foi incluído para a discussão dos resultados.

**Tabela 1**

Estudos com a temática da masculinidade e violência

<b>Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Autor e ano</b>	<b>Delineamento e método de coleta de dados</b>	<b>Categoria analítica</b>
<b>1</b>	Suicídio e masculinidades - uma análise por meio do gênero e das sexualidades	Baére e Zanello (2020)	Qualitativo – Entrevista aberta	Suicídio e masculinidades
<b>2</b>	Violências Intrafamiliares Experienciadas na Infância em Homens Autores de Violência Conjugal	Brasco e De Antoni (2020)	Qualitativo – Entrevista semiestruturada	Relatos de homens autores de violência
<b>3</b>	Taca cachaça que ela libera - violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil	Brilhante et. al. (2018)	Qualitativo – Grupos focais	Sentidos de violência entre adolescentes
<b>4</b>	Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras	Cecchetto et. al. (2016)	Qualitativo – Entrevista semiestruturada e grupos focais	Sentidos de violência entre adolescentes
<b>5</b>	A violência conjugal na perspectiva de homens denunciados por suas	Cortez e Souza (2010)	Qualitativo – Entrevista semiestruturada	Relatos de homens autores de violência

	parceiras			
6	Violência entre parceiros íntimos - uma análise relacional	Cortez et. al. (2010)	Qualitativo – Entrevista semiestruturada	Construções de gênero entre casais com histórico de violência e idosos asilados
7	A Psicologia Social no Estudo de Justificativas e Narrativas de Homens Autores de Violência	Garcia e Beiras (2019)	Qualitativo – Entrevista aberta	Relatos de homens autores de violência
8	Violência de gênero - paradoxos na atenção a homens	Medrado et. al. (2011)	Qualitativo – Entrevista semiestruturada	Perspectivas de profissionais sobre fatores relacionados à violência e sofrimento dos homens
9	Suicídio de idosos sob a perspectiva de gênero	Meneghel et. al. (2012)	Qualitativo – Autópsia psicossocial	Suicídio e masculinidades
10	Suicídio de homens idosos no Brasil	Minayo et. al. (2012)	Qualitativo – Autópsia psicossocial	Suicídio e masculinidades
11	Percepções sobre intervenções grupais com homens autores de violência contra as mulheres	Oliveira e Scorsolini-Comin (2021)	Qualitativo – Entrevista semiestruturada	Relatos de homens autores de violência
12	Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes - Um recorte de gênero em dez capitais brasileiras	Oliveira et. al. (2016)	Misto – Escala CADRI, entrevista semiestruturada e grupos focais	Sentidos de violência entre adolescentes
13	Violência doméstica praticada por homens detidos na Delegacia da Mulher de Belém	Pimentel (2010)	Qualitativo – Entrevista semiestruturada	Relatos de homens autores de violência
14	Homens, masculinidade e violência - estudo em serviços de atenção primária à saúde	Schraiber et. al. (2012)	Quantitativo – Questionário adaptado do WHO-VAW	Caracterização da violência
15	A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea - singularidades de um padecer	Silva e Macedo (2012)	Qualitativo – Entrevista semiestruturada	Perspectivas de profissionais sobre fatores relacionados à violência e sofrimento dos homens
16	Perfil epidemiológico do atendimento por violência nos serviços públicos de urgência e emergência em capitais brasileiras, Viva 2014	Souto et. al. (2017)	Quantitativo – Formulário VIVA	Caracterização da violência
17	Saúde Mental, Gênero e Velhice na Instituição Geriátrica	Zanello et. al. (2015)	Qualitativo – Entrevista aberta	Construções de gênero entre casais com histórico de violência e idosos asilados

Acerca da formação acadêmica dos autores, notou-se destaque para a psicologia, com 24 psicólogos dentre os 44 autores. Em segundo lugar apareceu a enfermagem, com cinco autores, seguida da medicina, com quatro. Outras áreas aparecem com apenas um autor cada. É interessante notar que dentre autores de áreas que não a psicologia, houve grande número de pesquisadores com formações nas áreas de saúde pública, saúde coletiva e ciências da saúde, totalizando 16 entre as três. Entre os psicólogos, quatro deles possuíam também formação em saúde coletiva ou saúde pública.

### ***3.1 Relatos de Homens Autores de Violência***

A primeira categoria analítica reúne estudos realizados a partir dos relatos de homens autores de violências. Garcia e Beiras (2019) analisaram narrativas desses sujeitos a partir da psicologia social, evidenciando sentidos de si e do outro e como estes sustentam a violência. Em seus discursos, a imagem masculina foi associada à valentia, virilidade, controle sobre as mulheres e exaltação da posição de provedor familiar, que configura seu poder diante da família. Também se percebeu busca pelo reconhecimento de uma identidade diferente à de violentos ou agressivos.

Pimentel (2010) examinou discursos de homens detidos na Delegacia da Mulher de Belém/PA acerca de práticas violentas. A significação da masculinidade voltou-se para aspectos como autoridade, trabalho, força física e a necessidade de diferenciar-se da feminilidade. Como fatores indispensáveis apareceram a função de provedor familiar, a força física e ser capaz de defender-se, assegurando a própria virilidade. Surgiu ainda no discurso a divisão sexual de tarefas entre homens e mulheres. Quanto ao aprendizado da masculinidade, a maioria indicou como referência unicamente a mãe. O pai foi apontado por apenas dois sujeitos, quando foi descrito como referência incongruente.

Também na pesquisa de Cortez e Souza (2010), com homens com histórico de violência conjugal, emergiram concepções do homem como provedor e mantenedor da família e de sua moral. Enquanto isso, a mulher é vista como dedicada ao lar, submissa ao marido e sentimental, sendo dever do homem prezar por essa dinâmica, referindo a violência como ferramenta nesse sentido. Entende-se que atitudes por parte das mulheres que fujam aos padrões esperados podem representar ameaça à ordem imposta e ocasionar tentativa de manutenção através da força.

O estudo de Brasco e De Antoni (2020) aborda a ocorrência de eventos de violência intrafamiliar pregressos entre homens que posteriormente cometeram violência contra suas parceiras. A negligência afetiva das figuras de apoio, ocorrência de abuso físico entre os pais e os pares, além do relato de uma figura masculina, em geral, marcada pela severidade, rigidez e ausência emocional foram categorias elencadas como favorecedoras para quadros de violência praticada posteriormente.

Por fim, o estudo de Oliveira e Scorsolini-Comin (2021) voltou-se para a investigação da percepção de homens autores de violência sobre participação em intervenções grupais. Antes do comparecimento, a maioria referiu sentimentos de revolta e injustiça, justificando a violência a partir do comportamento das vítimas ou por efeito de álcool. Após a participação, apontaram mudanças que levaram a uma maior compreensão de sua responsabilidade na dinâmica violenta da relação. Embora dois deles tenham mantido a opinião de não terem cometido violência, foram relatados, em geral, sentimentos de acolhimento e compreensão durante a participação no grupo, o que sugere que esta pode ser ferramenta importante no enfrentamento desse problema.

A partir dos relatos observados nessa categoria emergem três constatações referentes à construção de masculinidades e relações com a violência. A primeira é que através do endosso a uma figura masculina tida como ideal estes homens justificaram violências,

compreendendo-as como expressão normal de seu gênero ou resposta legítima a comportamentos inadequados das vítimas. A segunda é que, conforme proposto por Connell e Messerschmidt (2013), a possibilidade de atualização dos padrões internalizados de masculinidade hegemônica foi observada. Homens autores de violências revelaram mudanças em suas concepções de gênero, bem como adotaram postura de responsabilização frente à violência cometida após a participação em grupos reflexivos. E, por fim, embora não seja possível estabelecer relação causal entre sofrer e perpetrar violência, a sobreposição de violências sofridas, aliadas aos papéis rígidos de gênero, parece ter potencializado sua prática no futuro.

### ***3.2 Sentidos de Gênero e Violência Entre Adolescentes***

A segunda categoria abriga artigos que investigaram sentidos atribuídos por adolescentes a questões de gênero e suas relações com a violência. Em estudo realizado na cidade de Fortaleza, focado na percepção dos sujeitos diante de músicas de forró e sua relação com a violência sexual, emergiram entre os adolescentes discursos de desmoralização da vítima de estupro, legitimação do estupro por conta do uso de álcool, desqualificação da negativa feminina e banalização da violência contra a mulher (Brilhante et. al., 2018).

Na pesquisa de Cecchetto et. al. (2016), que analisou experiências de jovens diante de relacionamentos amorosos, questões de gênero e violência, emergiram nos discursos como disparadores de violências a traição - sendo referida como principal motivo -, além de ciúmes e uso de álcool e drogas. Percebeu-se ainda a minimização da agressão realizada pela mulher, em virtude da visão de que é menos danosa e até mesmo aceitável. Embora a violência tenha sido em geral repudiada, notou-se também o discurso de culpabilização da vítima.

Em Oliveira et. al. (2016) foi observado igualmente o ciúme e a infidelidade como justificativas da prática violenta. Encontrou-se a percepção de que a violência é inerente à



masculinidade e a crença que a infidelidade também faz parte dessa “natureza”. Foi percebida ainda a banalização da agressão por parte das mulheres, que era vista com mais preocupação pela humilhação moral do que por possíveis danos físicos.

Assim, percebe-se que nos artigos dessa categoria surgiram nos discursos dos adolescentes justificativas similares para violências quando comparados aos discursos de homens adultos na categoria anterior, associando sua prática a ideais hegemônicos de masculinidade. Esses resultados problematizam essas concepções de gênero que perpetuam e naturalizam violências. A culpabilização das vítimas e minimização da violência cometida observada nessa amostra corresponde aos achados de Beiras et. al. (2020) que, no mesmo sentido, demonstra que, por meio dos discursos, atravessamentos socioculturais como as concepções hegemônicas de masculinidade legitimam estruturas de poder e naturalizam violências cometidas por homens.

### ***3.3 Suicídio e Masculinidades***

Nessa categoria, os estudos abordam a violência autodirigida em sua forma mais grave - o suicídio - e suas relações com as masculinidades. Baére e Zanello (2020) investigaram a compreensão das masculinidades de homens de orientações sexuais distintas e suas relações com o suicídio. Notou-se, por parte de homens gays e bissexuais queixa de dificuldade de inclusão em espaços de socialização que os legitimem enquanto sujeitos. Foi narrada por eles a tentativa de performar uma masculinidade que se encaixe nas normas, fator que foi relatado como origem de sofrimento. Homens heterossexuais queixaram-se de termos de relacionamento como principais potencializadores de sofrimento psíquico.

Uma categoria relevante a todos nesse estudo foi a virilidade laborativa, entendida como fundamental na constituição identitária dos homens, independente da orientação sexual, conforme constatado por Zanello (2018). No caso dos homens gays, percebeu-se nos relatos

tendência a buscar compensação a partir dessa *performance* laboral, visando “reparar” uma sexualidade tida socialmente como desviante da norma.

Também entre homens idosos as masculinidades são fatores importantes na ocorrência de suicídio. Conforme dados de Minayo et. al. (2012), com o avançar da idade, o surgimento de doenças e a perda da possibilidade de realizar comportamentos esperados, pode ocorrer significativo decréscimo na autoestima. O aspecto mais importante nos relatos dos idosos foi a perda da capacidade de trabalhar, criando sensação de inutilidade e afetando o papel de provedor. Também foi relevante a questão da honra, afetada por perdas no *status* financeiro, manchas em suas reputações e as enfermidades incapacitantes, que trazem vulnerabilidade.

O artigo de Meneghel et. al. (2012) reforça também a importância do marcador de gênero entre os idosos. Questões relativas às masculinidades e suas vulnerabilidades na velhice são apresentadas a partir dos relatos, como a dificuldade em adaptar-se a um mundo em mudança, afastamento das funções de trabalho, sentimento de inutilidade, adoecimento e impotência sexual, que podem ocasionar comportamentos de risco e por vezes traz o suicídio como forma de “retomar o controle” de suas histórias.

Os achados nessa categoria confirmam o que argumenta Zanello (2018) acerca da centralidade do trabalho e da virilidade sexual enquanto características identitárias fundamentais nas masculinidades. Nota-se ainda que estudos sobre violência autodirigida nessa amostra ocorreram principalmente com homens cuja impossibilidade de atender às expectativas de gênero foi origem de sofrimento. Uma vez que a masculinidade hegemônica não é acessível da mesma maneira a todos os homens, é possível perceber abalos na autoestima de homens idosos, além do fato de que o dispositivo da eficácia laboral surgiu como maneira de hipercompensação de expressões sexuais não normativas para homens gays, resguardando, assim, suas masculinidades.

### ***3.4 Perspectivas de Profissionais Sobre Fatores Relacionados à Violência e Sofrimento dos Homens***

Essa categoria reúne artigos voltados às perspectivas de profissionais implicados na saúde do homem e na rede de enfrentamento à violência contra a mulher. Nessa linha de investigação, Medrado et. al. (2011) analisaram posicionamentos de profissionais da rede de enfrentamento à violência contra as mulheres acerca de espaços de intervenção com homens autores de violência. Embora tenham sido registradas contradições, como uma concepção medicalizante do problema, que considerava atos violentos como doença, passível de cura através de medicamentos e tratamentos, além de atitude punitiva e até mesmo recusa total a qualquer ação com esses sujeitos, os resultados indicam visão favorável à execução de programas voltados para a atenção aos homens autores de violência a partir de medidas preventivas, punitivas e assistenciais.

Silva e Macedo (2012) escutaram dez psicanalistas a respeito das especificidades encontradas no atendimento ao público masculino. Os relatos denotam dificuldade em adaptar-se a novas demandas frente ao que significa ser homem e seus papéis na sociedade, decorrentes do afrouxamento da cultura patriarcal tradicional, que trazem como consequência problemas voltados à perda de virilidade e dificuldade na constituição identitária.

Foi relatado por eles que a procura de homens à psicanálise em suas clínicas se dá principalmente através de demanda externa, a partir da qual são obrigados a olhar para dentro de si e reconhecer-se. Os autores relacionam isso à tendência existente em reprovar manifestações de tristeza em homens, levando ao silenciamento desses sentimentos. À medida que esse sofrimento não encontra vazão, ocorre o refúgio à violência, uso abusivo de drogas ou adição ao trabalho. Portanto, grande parte do sofrimento relatado por homens aos psicanalistas denota associação com construções de gênero, ressaltando a importância desse

marcador na construção das subjetividades e na compreensão dos sofrimentos decorrentes, conforme teorizaram Butler (2003) e Zanello (2018).

### ***3.5 Caracterização da Violência***

Outro perfil encontrado nos artigos foram aqueles relacionados à caracterização da violência a partir de dados quantitativos. O estudo conduzido por Schraiber et. al. (2012) em serviços de atenção primária à saúde investigou a prevalência de violência sofrida e perpetrada por homens revelou um elevado número de casos para ambos os tipos. Nessa amostra, 52.1% dos homens já praticaram algum tipo de violência contra suas parceiras, sendo observado padrão de conjugação de violência psicológica, física e sexual. Além disso, observou-se alto índice (31.3%) de violência cometida contra outras pessoas que não são/eram parceiras íntimas.

Foi encontrado também elevado padrão de violência sofrida pelos homens, sendo 63.9% para o tipo psicológico, 52.8% para a física e 6.1% para a sexual. Ademais, os resultados apontaram que os homens praticam mais violência no âmbito doméstico e são mais vítimas dela na esfera pública. Também é alarmante que os números de violência foram menores quando a palavra não era explicitamente utilizada. Ao mesmo tempo em que relatavam não terem sofrido ou praticado violência, suas respostas revelavam sua ocorrência, o que sugere que por vezes os homens sequer reconhecem práticas violentas.

Na pesquisa de Souto et. al. (2017) evidenciou-se prevalência de homens em atendimentos decorrentes de violência em hospitais brasileiros, totalizando 72.3%, em maioria jovens entre 20 e 39 anos (50.2%), pretos/pardos (67.6%) e com baixa escolaridade (53%). Percebeu-se predominância da ocorrência em vias públicas para homens (48.4%), enquanto para as mulheres a residência (53%) teve maior incidência. Outros dados que chamam a atenção são o percentual de crianças e adolescentes vitimizados, alcançando 29.5%

dos casos, além do fato que 36.1% dos homens ingeriram bebidas alcoólicas nas horas que antecederam a ocorrência.

A partir dos dados apresentados confirma-se que os homens se encontram no centro das questões da violência, uma vez que possuem elevado número de incidência tanto para violências sofridas quanto perpetradas, seja contra parceira íntima ou outros indivíduos. Os achados também reforçam dados da literatura acerca de maior perpetração de violência por parte dos homens no âmbito doméstico, conforme Waiselfisz (2015), bem como uma predominância na violência sofrida, reforçando dados de Cerqueira et. al. (2020).

### ***3.6 Construções de Gênero Entre Casais com Histórico de Violência e Idosos Asilados***

A última categoria refere-se à dupla perspectiva sobre questões de gênero. Aqui são apresentados artigos que investigaram concepções tanto para homens quanto para mulheres acerca de construções de gênero. Cortez et. al. (2010) observaram as relações estabelecidas entre casais com histórico de violência. Foram descritas pelos participantes concepções tradicionais de gênero, como a divisão sexual do trabalho, e comportamentos das mulheres tidos como inadequados pelos homens foram relatados como fonte de conflitos para o casal. As principais formas de violência observadas nos relatos foram física e psicológica, embora a violência sexual também tenha surgido em menor escala, sobretudo no discurso feminino.

No estudo de Zanello et. al. (2015), voltado para compreender vivências de gênero de idosos asilados, também emergiram discursos distintos. No âmbito relacional, as idosas enfatizaram a importância das relações amorosas vivenciadas por elas, que eram marcadas pela fidelidade, enquanto, por outro lado, por parte dos idosos a queixa principal foi a ausência de sexo no momento atual, que colocava em suspensão a virilidade apresentada outrora. O trabalho foi referido como característica identitária central no relato dos idosos e fonte de sofrimento por conta da impossibilidade de exercê-lo, enquanto que para as idosas

não parecia ter a mesma importância, embora fosse mencionado como satisfatório por aquelas que trabalhavam antes do asilamento.

Portanto, essas diferentes significações e queixas a partir da experiência do envelhecimento, assim como distinções na percepção da violência entre os casais refletem a influência do marcador de gênero na construção dos sujeitos. Os homens, quando postos frente às construções do feminino, parecem evidenciar características hegemônicas de masculinidade, em contraposição constante à feminilidade. Além disso, é possível perceber que concepções de masculinidade hegemônica atravessam também os discursos femininos em ambos os grupos estudados. Dessa forma, percebe-se que, em conformidade com o que argumenta Zanello (2018), os processos de subjetivação distintos vividos por esses sujeitos denotam vulnerabilidades específicas que trazem sofrimentos psíquicos diferentes a partir de sua experiência de construção de gênero.

#### **4. Considerações Finais**

As pesquisas analisadas nesse estudo demonstraram que a masculinidade hegemônica influencia as experiências de homens em diversas esferas. Virilidade laborativa e sexual, valentia, a posição de provedor, controle sobre os corpos femininos, defesa da honra e uso de violência como ferramenta reguladora e mantenedora da ordem foram discursos citados por homens em contextos de violência. A desresponsabilização masculina é transformada em naturalização de comportamentos violentos como inerentes às masculinidades, culpabilização das vítimas e minimização dos impactos decorrentes da ação violenta. Para além da construção rígida de gênero, a violência também parece encontrar outros facilitadores, como experiência anterior em contextos familiares violentos e/ou negligentes e uso de álcool e drogas.

A construção hegemônica de masculinidade surge como problema também para os próprios homens, que constituem maioria nos atendimentos hospitalares em decorrência de violência e lideram as estatísticas enquanto vítimas de homicídio. Além disso, mostrou-se relevante na análise deste estudo a ocorrência da violência autodirigida, sobretudo no discurso de homens cujas masculinidades encontram-se mais distantes do atendimento às concepções hegemônicas, como homens idosos, gays e bissexuais. O não atendimento a essas normas traz consigo sentimentos de não pertencimento, potencializando o risco de suicídio e tornando essas populações mais vulneráveis no que tange à construção de sua identidade, demonstrando a característica gendrada desse sofrimento psíquico.

Portanto, foi possível observar discursos ligados ao conceito de masculinidade hegemônica entre os homens, que parecem favorecer a ocorrência de violência em diferentes contextos e idades. Seja na adolescência, idade adulta, na velhice ou em diferentes orientações sexuais, homens são atravessados por expectativas de gênero, que podem ser origem de sofrimento psíquico e transformar-se em ações violentas que irão afetar a si e aos outros. Também é importante ressaltar que foram encontrados discursos similares referentes à masculinidade hegemônica no relato tanto de homens quanto de mulheres, o que evidencia o fato de que mesmo as mulheres, muitas vezes afetadas pelas consequências da reprodução desse tipo de discurso, acabam por também endossá-lo.

Atualmente, coexistem com concepções de gênero tradicionais os desafios postos por novas configurações, nas quais, por exemplo, o homem deixa de ser o único provedor familiar, disputando com mulheres as posições no mercado de trabalho, além de vivenciarem menor submissão e maior independência feminina. Portanto, esta é uma relação complexa, cuja reconfiguração gera conflitos e requer adaptações desses sujeitos, que devem aprender novas maneiras de lidar com uma sociedade em constante movimento, preferencialmente sem fazer uso ao recurso da violência e da subjugação.

Dessa maneira, torna-se fundamental o aprofundamento nos estudos das relações entre masculinidades e violências com o objetivo de minimizar o impacto desse problema. É necessária ainda a implicação e responsabilização dos homens nesse processo, participando do debate e sendo também agentes de mudança e atualização de suas masculinidades. Esse estudo pode ser utilizado como um guia para adentrar ao campo das masculinidades e interseção com violências, ajudando a nortear futuras pesquisas e intervenções acerca dessa problemática.

## REFERÊNCIAS

- American Psychological Association. (2018). *APA guidelines for psychological practice with boys and men*. Disponível em: <https://bitly.com/MI7Fs>
- Baére, F., & Zanello, V. (2020). Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em estudo [online]*, v. 25. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>
- Barral, D. (2019). *Os estudos das masculinidades na psicologia brasileira: da invisibilidade da crítica à crítica da invisibilidade*. (Dissertação de Mestrado) — Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://bitly.com/I8IkB>
- Beiras, A., Benvenuti, M., Toneli, M. & Cavaler, C. (2020) Narrativas que naturalizam violências: reflexões a partir de entrevistas com homens sobre violência de gênero. *Interthesis*. v. 17, p. 01-22. Disponível em: <https://tinyurl.com/hmvzys4y>
- Brasco, P. J. & De Antoni, C. (2020). Violências intrafamiliares experienciadas na infância em homens autores de violência conjugal. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]*, v. 40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003218119>



- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brilhante, A., Nations, M. & Catrib, A. (2018).“Taca cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública[online]*, v. 34, n. 3 Disponível em: <https://tinyurl.com/uceky2mx>
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (Renato Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cecchetto, F., Oliveira, Q., Njaine, K. Minayo, M. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. v. 20, n. 59 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0082>
- Cerqueira, D. & Bueno, S. (Orgs.). (2020). Atlas da violência 2020. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://tinyurl.com/eu3ndsuy>
- Connell, R. (2005). *Masculinities*. 2nd ed. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. & Messerschmidt, J. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21 (1). Disponível em: <https://tinyurl.com/y8mwjrj6>
- Cortez, M. & Souza, L. (2010). A violência conjugal na perspectiva de homens denunciados por suas parceiras. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Disponível em: <https://tinyurl.com/yzfdt3ar>

- Cortez, M., Souza, L., Queiroz, S. (2010). Violência entre parceiros íntimos: uma análise relacional. *Revista Psicologia Política*, v. 10, n. 20. Disponível em: <https://tinyurl.com/4c93w47s>
- Garcia, A. & Beiras, A. (2019). A Psicologia Social no estudo de justificativas e narrativas de homens autores de violência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 45-58. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225647>
- Grossi, M. (2004). Masculinidades: Uma Revisão Teórica. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://tinyurl.com/8v366hs2>
- Kimmel, M. (2016). Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção da identidade de gênero. *Equatorial*, 3(4), pp. 97-124. Disponível em: <https://tinyurl.com/jp9y9fcx>
- Kosciw, J., Greytak, E., Giga, N., Villenas, C., & Danischewski, D. (2016). The 2015 National School Climate Survey: The experiences of lesbian, gay, bisexual and transgender youth in our nation's schools. New York: GLSEN. Disponível em: <https://tinyurl.com/7by9uf9c>
- Laurenti, R., Jorge, H., & Gotlieb, L. D. (2005). Perfil epidemiológico da morbimortalidade masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 35-46. Disponível em: <https://tinyurl.com/4jkawhvc>
- Medrado, B., Lemos, A. & Brasilino, J. (2011). Violência de gênero: paradoxos na atenção a homens. *Psicologia em Estudo*. v. 16, n. 3. Disponível em: <https://tinyurl.com/2bymndrf>

- Meneghel, S., Gutierrez, D., Silva, R., Grubits, S. Hesler, L. & Ceccon, R. (2012). Suicídio de idosos sob a perspectiva de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 17, n. 8. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000800009>
- Minayo M., Assis S., Njaine K. (2011). *Amor e Violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Minayo, M., Meneghel, S. & Cavalcante, F. (2012). Suicídio de homens idosos no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*. V. 17, n. 10. Disponível em: <https://tinyurl.com/jhjbkkzj>
- Ministério da saúde. (2016). *Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada*. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://tinyurl.com/mhkhaw7h>
- Narvaz, M. (2009). *A (in)visibilidade do gênero na Psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre. Disponível em: <https://tinyurl.com/8ef9aemw>
- Oliveira, J. & Scorsolini-Comin, F. (2021). Percepções sobre intervenções grupais com homens autores de violência contra as mulheres. *Psicologia & Sociedade [online]*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33221163>
- Oliveira, Q., Assis, S., Njaine, K. & Pires, T. (2016). Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 32, n. 03. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32323>

- Pimentel, A. (2010). Violência doméstica praticada por homens detidos na Delegacia da Mulher de Belém. *Revista Abordagem Gestáltica*, v. 16, n. 2. Disponível em: <https://tinyurl.com/tukhbyw>
- Rosa, L & Mackedanz, L. (2021) A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa. *Atos de Pesquisa em Educação*, [S.1], v. 16. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354202116e8574>.
- Schraiber, L., Barros, C., Couto, M., Figueiredo, W. & Albuquerque, F. (2012). Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. v. 15, n.4. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2012000400011>
- Schraiber, L., Latorre, M., França, I., Segri, N., D'Oliveira, A. (2010). Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. *Revista de Saúde Pública*. v. 44, n. 4 Disponível em: <https://tinyurl.com/y5cj6v83>
- Separavich, M. & Canesqui, A. (2013) Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. *Saúde e Sociedade*. v. 22, n. 2. Disponível em: <https://tinyurl.com/5facduvp>
- Silva, F. & Macedo, M. (2012). A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 28, n. 2, pp. 205-218. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000200009>
- Souto, R., Barufaldi, L., Nico, L., Freitas, M. (2017). Perfil epidemiológico do atendimento por violência nos serviços públicos de urgência e emergência em capitais brasileiras, Viva 2014. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 22, n. 9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.13342017>

Souza, M.; Silva, M; Carvalho, R. (2010). Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102-106.

Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da Violência 2015 – Homicídios de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA – Centro de Estudos Latino Americanos/FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR. Disponível em: <https://tinyurl.com/45j3cjh5>

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460–482. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>

Zanello, V., Silva, L. & Henderson, G. (2015) Saúde Mental, Gênero e Velhice na Instituição Geriátrica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 31, n. 4. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-37722015042444543550>

Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* (1a ed.). Curitiba: Appris.

## ESTUDO 2

### AS RELAÇÕES ENTRE CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO PRATICADA POR HOMENS DO AMAZONAS

#### RESUMO

A adoção de concepções hegemônicas de masculinidade foi relacionada a diversas problemáticas para a saúde de homens, como ansiedade, depressão, comportamentos de risco, além das consequências para outras pessoas, como índices alarmantes de violências por parceiro íntimo (VPI). Esse estudo objetivou analisar correlações entre concepções de masculinidade e VPI praticadas por homens residentes no Amazonas. Participaram 218 homens, com idades entre 18 e 59 anos ( $M = 27.9$ ). Os instrumentos utilizados foram a Escala de Concepções da Masculinidade (ECM), visando mensurar a adesão dos homens às concepções tradicionais de masculinidade e a *Revised Conflict Tactics Scales 2* (CTS-2), com o objetivo de mensurar a ocorrência de VPI praticada e sofrida pelos participantes. Não foram observadas correlações entre as variáveis da ECM e das violências praticadas avaliadas pela CTS-2, demonstrando que as variáveis de concepções de masculinidade e de práticas de violências contra o parceiro íntimo não estão associadas. Por outro lado, observaram-se correlações significativas entre fatores da masculinidade, bem como correlações entre VPI praticadas e sofridas. Concluiu-se que há uma tendência à adoção de um conjunto de concepções sobre as masculinidades por parte de homens, bem como que a VPI ocorre, na maior parte das vezes com sobreposição dos tipos de violência, sendo a agressão psicológica mais frequente, seguida da violência física e coerção sexual.

*Palavras-chave:* Masculinidades, Masculinidade hegemônica, Homens, Violência por parceiro íntimo, Gênero

## **1. Introdução**

A violência foi apontada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em relatório de 2002 (Krug et. al., 2002) como um problema de saúde pública global, onde é definida como:

O uso intencional de força física ou poder, real ou em ameaça, contra si próprio, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (p. 5)

Uma das tipificações de violência é a violência por parceiro íntimo (VPI). Esse termo muitas vezes confunde-se com outros similares, como violência contra a mulher ou violência doméstica. A VPI, neste trabalho, refere-se à violência que ocorre no âmbito de um relacionamento amoroso ou de afeto, e que cause dano ao seu companheiro, independentemente do gênero, orientação sexual e situação de coabitação do casal (Krug et. al., 2002; OMS, 2010). Esta é a forma mais comum de violência contra as mulheres no mundo inteiro (WHO, 2018), o que denota que essas ocorrências são constitutivas da organização social, fazendo parte de sua estrutura mais profunda (Silva, 2014).

É interessante observar as disparidades ao se analisar as estatísticas da violência. Como exemplo, a nível global, os homens correspondem a 82% das vítimas de homicídio, com números quatro vezes maiores quando em comparação às mulheres. Observa-se, por outro lado, uma estimativa de que 38% dos homicídios de mulheres no mundo foram cometidos por seus parceiros, enquanto a proporção correspondente para homens foi de

apenas 6%. A respeito da violência sexual, meninas correspondem a 18% do total enquanto meninos são 7.6%, o que evidencia que as violências recaem de maneira distinta a depender do gênero ao qual o sujeito pertence (OMS, 2015).

No Brasil, no ano de 2020, 58% dos casos de feminicídio e 66% dos casos de agressão foram praticados por maridos, namorados ou ex-maridos e ex-namorados (Ramos, 2021). São alarmantes os índices de violência de gênero, onde o Brasil ocupa o 5º lugar mundial no ranking de feminicídios. Em estudo conduzido em serviços de atenção primária à saúde, constatou-se que mais da metade dos homens já praticaram algum tipo de violência contra suas parceiras e também sofreram violência ao longo da vida (Schraiber, 2012; Waiselfisz, 2015; Cerqueira et. al., 2021).

O conceito de VPI conforme descrito pela Organização Mundial de Saúde abrange as violências física, psicológica, sexual e o comportamento controlador (Krug et. al., 2002; OMS, 2010; OMS, 2015). Embora possa ser praticada também por parte das mulheres contra os homens, a violência de gênero praticada por homens – contra mulheres e contra outros homens - ocorre com maior frequência em razão de uma socialização voltada para a agressividade, demonstrações de força e manutenção da dominação (Saffioti, 2001).

Homens e mulheres são socializados para reproduzirem e *performarem* certos *scripts* culturais de comportamento que dizem respeito ao que é desejável e aceitável ou não dentro da expressão de seu gênero em seu contexto social (Butler, 2003). Essas prescrições são dadas previamente ao nascimento dos sujeitos, e, a partir delas, determinados comportamentos serão incentivados e reforçados enquanto outros serão rechaçados em virtude de não se adequarem às concepções de gênero esperadas naquele determinado período sócio-histórico.

No caso dos homens, algumas concepções de masculinidade se destacam. Diversos autores concordam que fatores como agressividade, provação e provocação social constante,



restrição emocional e postura heterossexista são comuns a diversas configurações de masculinidades hegemônicas (Welzer-Lang, 2001; Connell, 2005; Kimmel, 2016; Zanello, 2018).

O Heterossexismo – entendido aqui como a presunção da heterossexualidade e a negação, discriminação e opressão da não-heterossexualidade – é parte essencial da maioria das formulações de masculinidades hegemônicas descritas na literatura ocidental moderna. Essa oposição ao não-heterossexual não é dada naturalmente aos sujeitos em razão de sua biologia, mas sim é fruto de “um sistema ideológico que nega, denigre e estigmatiza qualquer forma de comportamento, relacionamento ou comunidade não-heterossexual” (Herek, 1990).

De acordo com Herek (1990), o Heterossexismo manifesta-se tanto culturalmente quanto individualmente. O Heterossexismo a nível cultural permeia os costumes sociais e das instituições, manifestando-se através, por exemplo, da discriminação de homossexuais no acesso a determinados empregos, no ingresso às forças armadas e até mesmo na falta de reconhecimento legal para casamentos entre pessoas do mesmo sexo, como ainda ocorre em muitos lugares do mundo. Assim, quando a heterossexualidade é continuamente institucionalizada como norma social, política, jurídica ou econômica, explicitamente ou não, ela é então equacionada ao “natural”, é incorporada pelos sujeitos e passa a ser manifesta em seus discursos e práticas diárias (Herek, 1990; Rios, 2007; Souza & Pereira, 2013).

Dessa maneira, quando a nível individual, o Heterossexismo emerge como sentimentos negativos - tais como desconforto, hostilidade ou condenação - em relação a relações homoafetivas. Kimmel (2016) afirma que a masculinidade é definida mais pelo que o indivíduo não é do que pelo que ele de fato é. E dentre essas impossibilidades, encontram-se expressões que possam ser entendidas como femininas ou homossexuais. Portanto, se a norma social é heterossexista e heterocentrada, produzindo dessa forma a definição hegemônica da masculinidade como a imagem do homem viril, dominante, não-afeminado,

sujeitos que não cumpram essas exigências passam a pertencer ao grupo dos “outros”, dominados, subordinados (Welzer-Lang 2001; Connell, 2005).

Como consequência, essa dinâmica de constante vigilância acerca de sua expressão de gênero e também dos seus pares pode acarretar, a nível individual, emoções como medo e vergonha, o silenciamento de afetos ou a afirmação da masculinidade através da violência, afinal “o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levada por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (Bourdieu, 2020).

Outro fator relevante na construção das masculinidades hegemônicas é a Restrição Emocional. Como vimos, ser um “homem de verdade” significa não ser como as mulheres e exercer dominação através da virilidade. Essa dominação ocorre não somente em direção a outros sujeitos, mas também com relação a si próprio, ou seja, o controle de suas próprias ações e, sobretudo, emoções, num ideal de razoabilidade que se opõe à visão feminina, culturalmente entendida como “emocional” (Kimmel, 2016; Zanello, 2018).

Assim, alguns autores descrevem a jornada do menino em direção à cristalização de sua masculinidade como “tarefa árdua e fruto de muitas exigências” (Maciel Junior, 2006). Rapazes escutam frases como “endireite-se”, “fale como homem”, “homem não chora”, que transmitem significados que dizem respeito à própria ordem estabelecida de gênero. Esse processo de socialização é efetuado com o objetivo de suprimir a afetividade natural do menino, embrutecendo-o emocionalmente e ensinando-o os códigos da masculinidade (Maciel Junior, 2006; Zanello, 2018).

Portanto, garotos e rapazes são ensinados que devem ser capazes de arriscar as próprias vidas em atividades perigosas, devem resistir ao cansaço, devem praticar esportes, participar de brincadeiras, algazaras e demais atividades que trazem sempre o objetivo de conformá-los às principais prescrições associadas às masculinidades hegemônicas (Zanello,

2018). Segundo Welzer-Lang (2001), a educação se dá por um mimetismo de violências, contra si mesmo, os outros homens e as mulheres.

Kimmel (2016), portanto, pergunta-se: “quando isto termina? Nunca. Admitir a fraqueza, admitir a debilidade ou a fragilidade, é ser visto como um covarde, um afeminado, não um homem de verdade. Mas ser vistos por quem? (p. 109)”. O questionamento final do autor nos leva ao próximo construto da masculinidade hegemônica a ser investigado neste trabalho e explorado a seguir: a Provocação Social.

Diversos autores descrevem que a masculinidade e a virilidade precisam ser validadas pelos outros homens (Kimmel, 2016; Zanello, 2018; Bourdieu, 2020). Assim, também é importante o julgamento de seus pares. A virilidade precisa ser atestada pelos outros homens para que o sujeito seja reconhecido como um “verdadeiro homem” e não seja relegado pelo grupo às categorias inferiorizadas com “fraco”, “mulherzinha”, “veado” e outros termos (Bourdieu, 2020).

Portanto, certas formas de coragem e certas demonstrações de virilidade estão, na verdade, enraizadas em um medo de perder a consideração do grupo e ser “zoad”, desconsiderado. Assim, a Provocação Social exerce grande influência na construção das masculinidades, pois os homens devem ser capazes de suportar a “zuação” para endurecer-se e também fazer o mesmo com outros homens para assegurar a manutenção dos ideais hegemônicos (Zanello, 2018; Bourdieu, 2020). Kimmel (2016) afirma sobre esse aspecto da masculinidade: “estamos sob o exame minucioso e cuidadoso constante de outros homens. Outros homens nos assistem, nos classificam, outorgam nossa aceitação no domínio da masculinidade” (p. 109).

Welzer-Lang (2001) traduz isso através de seu conceito de casa-dos-homens. Segundo o autor, desde pequenos os meninos passam por certos ritos de iniciação e aprendizagem acerca de suas masculinidades e como tornar-se verdadeiramente um homem. Essa

aprendizagem se dá, principalmente, na casa-dos-homens, que não diz respeito a um local físico específico, mas a um ambiente de socialização multiforme no qual os meninos e rapazes participam para aprender as regras, os códigos, as possibilidades e impossibilidades da masculinidade.

Nesse sentido, esse estudo teve como objetivo justamente investigar e analisar essas concepções de masculinidade no contexto de homens amazonenses, bem como explorar possíveis correlações entre essas concepções de masculinidade e violências por parceiro íntimo praticadas por esses homens.

## 2. Método

O estudo teve delineamento quantitativo, do tipo descritivo, exploratório e correlacional.

### 2.1 Participantes

Participaram do estudo 218 homens residentes no estado do Amazonas. A amostra foi obtida por conveniência. Os participantes possuíam idades que variaram entre 18 e 59 anos (média = 27.9, desvio padrão = 7.8), sendo que 75.7% tinham até 30 anos de idade e 90.4% tinham até 38 anos de idade. A tabela 1 apresenta os dados descritivos da amostra.

**Tabela 1**

Descrição da amostra

<b>Escolaridade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Ensino médio incompleto	1	0.5%
Ensino médio completo	23	10.6%
Ensino superior incompleto	88	40.4%
Ensino superior completo	45	20.6%
Pós-graduação incompleta	20	9.2%
Pós-graduação completa	41	18.8%
<b>Orientação sexual</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>

Heterossexual	139	63.8%
Homossexual	39	17.9%
Bissexual	32	14.7%
Panssexual	6	2.8%
Asexual	1	0.5%
Outro	1	0.5%
<b>Renda mensal individual (em salários mínimos)</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
De 0 a meio	31	14.2%
De meio a 1	31	14.2%
De 1 a 1 e meio	29	13.3%
De 1 e meio a 2	20	9.2%
De 2 a 4	46	21.1%
De 5 a 10	44	20.2%
De 10 a 20	13	6.0%
Acima de 20	4	1.8%

Em relação à escolaridade, a amostra obteve maior quantidade de pessoas com ensino superior incompleto (40.4%). 63.8% são heterossexuais e 21.1% possuem renda entre 2 e 4 salários mínimos. A predominância de homens jovens (média de idade de 27 anos) e ensino superior incompleto provavelmente se deu em função do fato que a pesquisa foi divulgada principalmente através de redes sociais (*Instagram*, grupos de *WhatsApp* e *Twitter*) e de convites e chamados realizados no âmbito da Universidade Federal do Amazonas.

## 2.2 Instrumentos

a) Questionário sociodemográfico: visou obter informações sociais, pessoais e demográficas dos participantes e caracterizar a amostra a partir de variáveis como idade, estado civil, estratificação socioeconômica, orientação sexual, dentre outras.

b) Escala de Concepções da Masculinidade (ECM): Desenvolvida por Oransky e Fisher (2009), foi utilizada inicialmente para mensurar construtos de masculinidade entre adolescentes. Foi adaptada à língua portuguesa por Guerra et. al., (2014), estudo no qual demonstrou possuir características psicométricas satisfatórias e consistência interna adequada. Tem como objetivo avaliar a conformidade de indivíduos a normas de gênero

masculinas a partir de uma estrutura de 16 itens, que são divididos em três fatores: Heterossexismo ( $\alpha = 0.87$ ), Restrição Emocional ( $\alpha = 0.70$ ) e Provocação Social ( $\alpha = 0.65$ ).

Os respondentes podem se posicionar diante das afirmações (ex: “É difícil respeitar um homem que demonstra seus sentimentos) dentro de uma escala *Likert* de quatro pontos com as seguintes opções de resposta: 1. Discordo; 2. Discordo parcialmente; 3. Concordo Parcialmente e 4. Concordo. As análises de adaptação indicaram que a escala possui boa consistência para avaliação das concepções de masculinidade no contexto brasileiro. A interpretação dos resultados se deu a partir das médias simples obtidas para cada um dos fatores do instrumento.

c) *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS-2): Desenvolvida por Straus et. al. (1996), apoia-se na teoria do conflito, que apregoa que o conflito é parte inevitável de toda a associação humana, enquanto a violência como tática para lidar com o conflito não é. Portanto, tem como objetivo medir o quanto táticas específicas de resolução de conflitos são aplicadas no contexto de um relacionamento afetivo – o que inclui os atos de violência física, psicológica e sexual. Esse instrumento foi adaptado transculturalmente ao contexto brasileiro por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002). O alpha de Cronbach geral obtido para a CTS-2 foi de 0.92 (Colossi et. al., 2015a).

Contém 78 itens, que descrevem possíveis ações do respondente (ex: “Você insultou ou xingou o seu companheiro(a)?”) e, reciprocamente, ações que tenham sido tomadas pelo parceiro íntimo do respondente (ex: “Seu companheiro(a) foi ao médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com você?”). O questionário é dividido em cinco escalas que formam as respectivas dimensões do instrumento: 1) Negociação; 2) Agressão Psicológica; 3) Violência Física; 4) Injúria e 5) Coerção Sexual. Para este trabalho, os cinco fatores citados foram subdivididos em Sofridos e Praticados.

O método de escore adotado foi conforme proposto por Straus et. al. (1996), onde atribuiu-se escore 0 para a resposta 0 (Isso nunca aconteceu), escore 1 para a resposta 1 (Uma vez no ano passado), escore 2 para a resposta 2 (Duas vezes no ano passado), escore 4 para a resposta 3 (De 3 a 5 vezes no ano passado), escore 8 para a resposta 4 (De 6 a 10 vezes no ano passado), 15 para a resposta 5 (De 11 a 20 vezes no ano passado) e 25 para a categoria 6 (Mais de 20 vezes no ano passado). A resposta 7 (Nenhuma vez no ano passado, mas aconteceu antes) foi desconsiderada na análise dos dados por possuir característica diferente das anteriores.

Por Negociação, entendem-se as ações que são tomadas no sentido de resolver um conflito através da discussão e comunicação. A escala pretende medir o quanto afetos positivos são comunicados através da expressão de sentimentos de cuidado e respeito pelo parceiro íntimo (Straus et. al., 1996). A Agressão Psicológica, por outro lado, é entendida como uma ação ou comunicação que possui intenção de causar sofrimento psicológico a outra pessoa, ou que seja percebida dessa forma. A ação pode ser ativa ou passiva, verbal ou não verbal (Vissing et. al., 1991).

Violência Física representa a utilização de força física contra outra pessoa como um meio de resolver um conflito. A escala de Injúria pretende medir a extensão de danos físicos causados pelo parceiro, tais como dano ósseo ou tecidual, necessidade de cuidados médicos ou dores contínuas após agressões. Por fim, Coerção Sexual refere-se ao comportamento de compelir o parceiro a engajar-se em atividade sexual indesejada (Straus et. al., 1996).

### ***2.3 Procedimentos de Coleta de Dados***

A coleta de dados foi realizada através da plataforma *online* de questionários *Google Forms*, cujo acesso foi disponibilizado através de convite via redes sociais (*Instagram e Twitter*) e aplicativo de mensagem (*WhatsApp*), por meio de *link* e descrição dos objetivos da

pesquisa, que esteve disponível entre 26 de julho de 2022 e 01 de fevereiro de 2023. Após assinalar a concordância em participar da pesquisa (TCLE), o tempo para responder aos instrumentos foi de cerca de 20 minutos.

#### ***2.4 Análise dos dados***

Os dados foram examinados de acordo com respectivos padrões técnicos dos instrumentos, a seguir, inseridos em banco de dados de planilhas e, posteriormente, transpostos a um programa de análises estatísticas (JASP versão 0.14.1.0). Durante análises preliminares, observou-se que a amostra não obteve distribuição normal, portanto, as análises estatísticas utilizadas foram não-paramétricas, sobretudo o coeficiente de correlação de *Spearman*, visando mensurar a intensidade e a direção de associações entre as variáveis quantitativas, sem estabelecer relações de causalidade entre elas. Decidiu-se ainda que seriam relevantes para interpretação as correlações acima de  $r = 0,30$  (correlação moderada), além de significância estatística a partir de  $p \leq 0,05$  e  $p \leq 0,001$  (Dancey & Reidy, 2013).

#### ***2.5 Procedimentos Éticos***

Antes de proceder ao preenchimento dos formulários, os participantes concordaram com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de pesquisa foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amazonas, sob o número de CAAE 59310122.0.0000.5020.

### **3. Resultados**

#### ***3.1 Perfil dos Homens em Relação às Concepções de Masculinidade e Violências Sofridas e Praticadas***



Para obter os perfis de masculinidade dos participantes da pesquisa, a partir das pontuações da Escala de Concepções da Masculinidade (ECM) foram calculadas as médias e desvio-padrão dos fatores da escala, descritas na Tabela 2.

**Tabela 2**

Média e desvio padrão dos fatores da ECM

<b>Escala de Concepções da Masculinidade</b>				
<b>Fator</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>	<b>Máximo</b>	<b>Mínimo</b>
<b>Heterossexismo</b>	1.40	0.57	1.00	4.00
<b>Restrição Emocional</b>	1.42	0.56	1.00	4.00
<b>Provocação Social</b>	2.09	0.68	1.00	4.00

Dentre as dimensões avaliada na ECM, aquela que obteve a maior média foi a Provocação Social ( $M = 2.09$  e  $DP = 0.68$ ), o que evidencia que nessa amostra de homens residentes no Amazonas a Provocação Social é a concepção de masculinidade preponderante. Esse fator é relevante na construção das masculinidades uma vez que se observa que a aprendizagem e regulação do gênero é, muitas vezes, efetivada através de brincadeiras e provocações, onde o menino é inicialmente a vítima e, após endurecer-se e conseguir “ser como os outros”, passa também a ser agressor e reproduzir aos outros aquelas violências que foram realizadas outrora contra si (Welzer-Lang 2001).

Para obter o perfil em relação à violência sofrida e praticada por homens, as pontuações da *Revised Conflict Tactics Scales 2* (CTS-2) foram analisadas em termos de média e desvio padrão na amostra estudada. O instrumento e seus fatores foram subdivididos entre dois: violências praticadas pelos participantes da amostra contra seus parceiros íntimos e violências sofridas por eles por parte de seus parceiros íntimos, cada um contando com 38 itens da escala e descritos na tabela 3.

**Tabela 3**

Média e desvio padrão dos fatores praticados e sofridos na CTS-2

<b>Fatores</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Negociação Praticada</b>	56.5	42.2	0.00	150.00
<b>Negociação Sofrida</b>	47.9	40.4	0.00	150.00
<b>Agressão Psicológica Praticada</b>	8.7	18.3	0.00	175.00
<b>Agressão Psicológica Sofrida</b>	11.6	24.0	0.00	175.00
<b>Violência Física Praticada</b>	1.4	5.2	0.00	38.00
<b>Violência Física Sofrida</b>	4.1	19.6	0.00	227.00
<b>Injúria Praticada</b>	0.7	4.2	0.00	51.00
<b>Injúria Sofrida</b>	1.1	7.0	0.00	76.00
<b>Coerção Sexual Praticada</b>	1.3	4.4	0.00	29.00
<b>Coerção Sexual Sofrida</b>	1.0	3.2	0.00	27.00

Os resultados apontaram que a tática de resolução de conflito preponderante entre os homens do Amazonas foi a Negociação Praticada ( $M = 56.5$  e  $DP = 42.2$ ) assim como a Negociação Sofrida ( $M = 47.9$  e  $DP = 40.4$ ). Dentre os fatores da CTS-2 que se referem à violências por parceiro íntimo, encontrou-se predominância da Agressão Psicológica Sofrida ( $M = 11.6$  e  $DP = 24.0$ ) e Agressão Psicológica Praticada ( $M = 8.7$  e  $DP = 18.3$ ). Esses resultados coadunam com os de outros estudos como Pico-Alfonso et. al. (2006) e Hacialiefendioğlu et. al. (2021), que, no mesmo sentido, apontaram que a Agressão Psicológica é a forma de VPI mais praticada entre os casais.

### **3.2 Correlações Entre os Fatores da ECM e da CTS-2**

Após esta etapa, procedeu-se ao teste de normalidade de *Shapiro-Wilk* na amostra de dados, onde se percebeu que não se obteve distribuição normal, uma vez que o grau de significância encontrado foi de  $p \leq 0,05$ . Portanto, a análise de correlação entre os fatores foi realizada através do coeficiente de correlação de *Spearman*, considerando os valores acima

de 0.30 (correlação moderada), além daqueles com significância estatística a partir de  $p \leq 0,05$  e  $p \leq 0,001$  (Dancey & Reidy, 2013).

Foi realizada, portanto, a análise de correlação de *Spearman* entre os fatores da Escala de Concepções da Masculinidade e os fatores da *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS-2) referentes às táticas de conflito praticadas pela amostra contra seus parceiros íntimos, onde se obtiveram os resultados expostos na Tabela 4.

Tabela 4

Análises correlacionais entre as variáveis da ECM e táticas de resolução de conflito praticadas

Variáveis		Heterossexismo	Restrição Emocional	Provocação Social Praticada	Negociação Praticada	Agressão Psicológica Praticada	Violência Física Praticada	Injúria Praticada	Coerção Sexual Praticada
<b>Heterossexismo</b>	Spearman's rho	—							
	p-value	—							
<b>Restrição Emocional</b>	Spearman's rho	<b>0.584</b>	—						
	p-value	<b>&lt; .001</b>	—						
<b>Provocação Social Praticada</b>	Spearman's rho	<b>0.465</b>	<b>0.441</b>	—					
	p-value	<b>&lt; .001</b>	<b>&lt; .001</b>	—					
<b>Negociação Praticada</b>	Spearman's rho	0.053	-0.014	-0.029	—				
	p-value	0.436	0.841	0.666	—				
<b>Agressão Psicológica Praticada</b>	Spearman's rho	0.154	0.050	0.010	<b>0.394</b>	—			
	p-value	0.023	0.463	0.883	<b>&lt; .001</b>	—			
<b>Violência Física Praticada</b>	Spearman's rho	0.036	0.033	-0.037	0.129	<b>0.452</b>	—		
	p-value	0.600	0.633	0.584	0.057	<b>&lt; .001</b>	—		
<b>Injúria Praticada</b>	Spearman's rho	0.075	0.064	-0.016	0.084	<b>0.301</b>	<b>0.361</b>	—	
	p-value	0.272	0.348	0.809	0.214	<b>&lt; .001</b>	<b>&lt; .001</b>	—	
<b>Coerção Sexual</b>	Spearman's rho	0.008	0.072	-0.030	0.151	0.288	0.077	0.229	—

**Tabela 4**

Análises correlacionais entre as variáveis da ECM e táticas de resolução de conflito praticadas

<b>Variáveis</b>		<b>Heteros sexismo</b>	<b>Restrição Emocio nal</b>	<b>Provoca ção Social Praticada</b>	<b>Negociação Praticada</b>	<b>Agressão Psicológica Praticada</b>	<b>Violência Física Praticada</b>	<b>Injúria Praticada</b>	<b>Coerção Sexual Praticada</b>
<b>Praticada</b>	n's rho								
	p-value	0.907	0.291	0.661	0.026	< .001	0.256	< .001	—

Não houve correlações entre as variáveis da Escala de Concepções da Masculinidade (ECM) e as violências praticadas avaliadas pela CTS-2, demonstrando que as variáveis de concepções de masculinidade conforme mensuradas pela ECM (Heterossexismo, Restrição Emocional e Provocação Social) e violências praticadas contra o parceiro íntimo não estão associadas. Por outro lado, a partir dos resultados obtidos, foi possível observar correlação positiva significativa entre os fatores da ECM Heterossexismo e Restrição Emocional ( $r = 0.584$ ), Provocação Social e Heterossexismo ( $r = 0.465$ ) e Provocação Social e Restrição Emocional ( $r = 0.441$ ).

Nas táticas de conflito praticadas pelos participantes, também foi possível perceber a correlação entre os fatores Violência Física Praticada e Agressão Psicológica Praticada ( $r = 0.452$ ), além de Agressão Psicológica Praticada e Negociação Praticada ( $r = 0.394$ ), Injúria Praticada e Violência Física Praticada ( $r = 0.361$ ), Injúria Praticada e Agressão Psicológica Praticada ( $r = 0.301$ ). Esses resultados apontam para o fato de que essas violências por parceiro íntimo praticadas pelos participantes tendem a ocorrerem sobrepostas e não de maneira isolada.

Foi realizada ainda análise de correlação de *Spearman* entre as táticas de resolução de conflito sofridas e aquelas praticadas pela amostra. Uma das hipóteses iniciais deste estudo era de que indivíduos com maiores índices de violências sofridas também cometeriam mais violências da mesma natureza. Essa hipótese foi comprovada, visto que diversas táticas de conflito que envolvem violências demonstraram correlação, tais como Agressão Psicológica Sofrida e Agressão Psicológica Praticada, com a mais forte correlação dentre todas ( $r = 0.878$ ). Também se correlacionaram Violência Física Sofrida e Violência Física Praticada ( $r = 0.687$ ), Injúria Sofrida e Injúria Praticada ( $r = 0.671$ ) e Coerção Sexual Sofrida e Coerção Sexual Praticada ( $r = 0.499$ ), com correlação moderada. Além disso, Negociação Sofrida e

Negociação Praticada ( $r = 0.868$ ) também demonstraram forte correlação, conforme exposto na tabela 5.

**Tabela 5**

Análises correlacionais entre táticas de resolução de conflito sofridas e praticadas

Variável		Negociação Praticada	Agressão Psicológica Praticada	Violência Física Praticada	Injúria Praticada	Coerção Sexual Praticada
<b>Negociação Sofrida</b>	Spearman'srho	<b>0.868</b>	0.283	0.059	-0.017	0.122
	p-value	< .001	< .001	0.387	0.806	0.073
<b>Agressão Psicológica Sofrida</b>	Spearman'srho	0.380	<b>0.878</b>	<b>0.478</b>	<b>0.331</b>	0.299
	p-value	< .001	< .001	< .001	< .001	< .001
<b>Violência Física Sofrida</b>	Spearman'srho	0.109	<b>0.496</b>	<b>0.687</b>	<b>0.448</b>	0.226
	p-value	0.107	< .001	< .001	< .001	< .001
<b>Injúria Sofrida</b>	Spearman'srho	0.173	<b>0.364</b>	<b>0.346</b>	<b>0.671</b>	0.147
	p-value	0.010	< .001	< .001	< .001	0.030
<b>Coerção Sexual Sofrida</b>	Spearman'srho	0.102	<b>0.310</b>	0.107	0.089	<b>0.499</b>
	p-value	0.135	< .001	0.117	0.190	< .001

Também foram verificadas correlações moderadas entre fatores diferentes sofridos e praticados, tais como Violência Física Sofrida e Agressão Psicológica Praticada ( $r = 0.496$ ), Agressão Psicológica Sofrida e Violência Física Praticada ( $r = 0.478$ ) e Violência Física Sofrida e Injúria Praticada ( $r = 0.448$ ). Outras correlações moderadas incluíram Injúria Sofrida e Agressão Psicológica Praticada ( $r = 0.364$ ), Injúria Sofrida e Violência Física Praticada ( $r = 0.346$ ), Agressão Psicológica Sofrida e Injúria Praticada ( $r = 0.331$ ) e Coerção Sexual Sofrida e Agressão Psicológica Praticada ( $r = 0.310$ ).

## 4. Discussão

### 4.1 Perfis de Masculinidade e Violências Sofridas e Praticadas por Homens do Amazonas

Dentre os fatores da Escala de Concepções de Masculinidade, o mais proeminente nessa amostra foi a Provocação Social ( $M = 2.09$  e  $DP = 0.68$ ), seguido pela Restrição Emocional ( $M = 1.42$  e  $DP = 0.56$ ), e, por último, o Heterossexismo ( $M = 1.40$  e  $DP = 0.57$ ). Como se viu anteriormente, a masculinidade deve ser constantemente provada - o que também significa que ela é constantemente desafiada - e isso foi percebido nesse estudo uma vez que a Provocação Social figurou como a principal concepção de masculinidade entre os homens do Amazonas. Para Welzer-Lang (2001), a competição entre homens é representada como uma selva, na qual a melhor defesa é o ataque, e as provocações que ocorrem entre os homens são parte disso, ajudando a modelar suas próprias masculinidades e as de seus pares.

O segundo fator da ECM com maior predominância na amostra de homens amazonenses foi a Restrição Emocional. Esse fator se refere à expectativa social de que algumas emoções sejam suprimidas pelos homens, com o objetivo de demonstrar força e estabilidade emocional, uma vez que as masculinidades são pautadas pela racionalidade, em oposição a emotividade, que é costumeiramente atrelada às mulheres. E, por fim, o Heterossexismo surgiu como o menos predominante nessa amostra. Esse fator se refere à ideia de que a masculinidade se define em oposição à homossexualidade e à feminilidade, e, portanto, apregoa que homens devem evitar comportar-se de maneiras que seriam esperadas para mulheres e homens *gays*.

Observou-se que as médias encontradas na Escala de Concepções da Masculinidade em homens do Amazonas foram mais baixas para todos os fatores em relação ao primeiro estudo conduzido por Guerra et. al. (2015), com homens da região Sudeste (Heterossexismo [ $M = 2.25$  e  $DP = 0.86$ ], Restrição Emocional [ $M = 1.52$  e  $DP = 0.61$ ] e Provocação Social [ $M = 2.20$  e  $DP = 0.76$ ]). Por outro lado, na pesquisa desenvolvida por Souza (2020), realizada



com homens do nordeste brasileiro, encontraram-se médias mais elevadas quando comparadas aos homens amazonenses nos fatores Heterossexismo ( $M = 1.97$  e  $DP = 0.70$ ) e Restrição Emocional ( $M = 1.65$  e  $DP = 0.59$ ). No entanto, a Provocação Social ( $M = 2.07$  e  $DP = 0.65$ ) foi mais expressiva na amostra amazonense.

Esse dado indica que, para homens amazonenses, a Provocação Social está mais presente como expressão da masculinidade hegemônica quando comparada ao Heterossexismo e à Restrição Emocional. De acordo com Kimmel (2016), as formas hegemônicas de masculinidade variam entre diferentes culturas, na mesma cultura ao longo do tempo, na história de vida de um mesmo sujeito e também a partir de outras variáveis como classe social, etnia, orientação sexual. Portanto, diferenças socioculturais nas construções de sujeito e de gênero nesses contextos podem ter influência nessas assimetrias entre as concepções de masculinidade encontradas entre as diferentes regiões do mesmo país.

Uma possível explicação para os escores mais baixos nos fatores Heterossexismo e Restrição Emocional na amostra amazonense é o fato de que ela foi composta principalmente por homens jovens, e, que, em função disso, podem possuir maior flexibilidade nessas concepções de masculinidade em comparação a homens de maior idade. Além disso, essa amostra também foi composta majoritariamente por pessoas com escolaridade de nível superior, o que também pode ser fator de influência uma vez que um maior nível de educação pode favorecer reflexões e mudanças nessas concepções. Outro fator que pode ter exercido influência nesse resultado foi a orientação sexual diversa encontrada na amostra, que contou com homens pansexuais, bissexuais, homossexuais, bissexuais, etc. Um estudo mais amplo, abrangendo homens das cinco regiões do país, poderia analisar mais detalhadamente essas semelhanças e diferenças nas concepções de masculinidade.

Analisando-se a correlação entre os fatores da ECM, encontraram-se correlações moderadas entre os fatores Heterossexismo e Restrição Emocional ( $r = 0.584$ ), Provocação

Social e Heterossexismo ( $r = 0.465$ ) e Provocação Social e Restrição Emocional ( $r = 0.441$ ), o que denota que a adoção dessas concepções hegemônicas da masculinidade ocorre também em conjunto, pois a concepção de masculinidade é um construto multidimensional (Connell, 2005; Oransky & Fisher, 2009).

Na análise da *Revised Conflict Tactics Scales 2* (CTS-2), levando em consideração principalmente os fatores relacionados à violência por parceiro íntimo – que são o principal interesse nesse estudo –, observou-se que a violência praticada com maior média nessa amostra foi a Agressão Psicológica ( $M = 8.7$  e  $DP = 18.3$ ), seguida pela Violência Física ( $M = 1.4$  e  $DP = 5.2$ ) e da Coerção Sexual ( $M = 1.3$  e  $DP = 4.4$ ), restando, em último lugar, a Injúria ( $M = 0.7$  e  $DP = 4.2$ ). Esse padrão encontrado para a prática de violências é similar ao obtido no estudo de Colossi et. al. (2015b).

Já no caso das violências sofridas pela amostra, novamente a média do fator Agressão Psicológica ficou à frente dos demais ( $M = 11.6$  e  $DP = 24.0$ ), seguida pela Violência Física ( $M = 4.1$  e  $DP = 19.6$ ), depois pela Injúria ( $M = 1.1$  e  $DP = 7.0$ ), com a Coerção Sexual ( $M = 1.0$  e  $DP = 3.2$ ) figurando na última colocação. Observou-se que o padrão encontrado nas violências praticadas e sofridas foi quase o mesmo, com a exceção de que nas violências sofridas a média do fator Injúria passou à frente do fator Coerção Sexual, figurando na terceira colocação, enquanto que, dentre as violências praticadas, a Coerção Sexual foi maior que a Injúria, que figurou como a violência sofrida menos prevalente.

É interessante observar ainda que nos fatores Agressão Psicológica, Violência Física e Injúria, as médias da percepção de violência sofrida foram superiores em comparação à violência praticada. No entanto, para Coerção Sexual e Negociação, o efeito inverso aconteceu, a média de comportamentos praticados foi maior em relação à média de comportamentos sofridos. Dessa maneira, foi possível observar que a VPI se manifestou de maneira levemente distinta quando sofrida e quando praticada. É fato conhecido que esse tipo

de violência pode ocorrer de diversas maneiras, variando em forma, cronicidade e intensidade, e, além disso, é também atravessada por outros fatores além das concepções de gênero, como outras normas culturais, sociais, valores individuais e interseccionalidades como raça, etnia, classe social, embora a medida exata de cada uma dessas influências seja difícil de mensurar e determinar.

Sabe-se, entretanto, que, em estudo conduzido por Campbell et. al. (2003) com 220 vítimas de feminicídio, foi observado que 70% das vítimas haviam sofrido violência física do parceiro íntimo antes do assassinato, o que denota que a existência dessa violência pregressa é um fator de risco importante para o feminicídio. Além disso, também foram apontados como fatores de influência o acesso a arma de fogo, dependência química e a residência de ambos no mesmo local (Bueno et. al., 2021).

#### ***4.2 Correlações Entre Concepções de Masculinidade e Violências Praticadas e Sofridas por Homens do Amazonas***

No estudo correlacional, a Escala de Concepções da Masculinidade não demonstrou correlações significativas nessa amostra em relação às violências praticadas ou sofridas conforme medidas pela CTS-2, contrariando uma das hipóteses iniciais do estudo de que escores mais altos nos fatores da ECM poderiam influenciar em maiores índices de violências, sobretudo praticadas, por parte dos participantes. Esse dado, no entanto, não pode ser tomado como definitivo, uma vez que as masculinidades estão sujeitas à constante atualização. São “configurações da prática que são construídas, reveladas e transformadas ao longo do tempo” (Connell, 2005; Connell & Messerschmidt, 2013). Além disso, essa própria característica mutável torna o conceito da masculinidade mais difícil de mensurar de maneira precisa.

Também se deve levar em consideração que o fenômeno da violência é complexo e sofre influência de muitos fatores, sejam individuais, sociais ou culturais, e, portanto, é uma tarefa complicada associá-lo a somente uma variável isoladamente como as concepções de masculinidade de homens. No entanto, é fato que diversos estudos apontam relações entre a adoção de concepções rígidas e hegemônicas da masculinidade e adversidades para as vidas de homens, tais como adoecimentos psíquicos como ansiedade, depressão e dificuldades nos relacionamentos interpessoais (Addis & Mahalik, 2003), comportamentos de risco como consumo excessivo de álcool e drogas (Courtenay, 2000; Connell & Messerschmidt, 2013), dentre outros.

Também foi possível observar que os fatores Violência Física e Agressão Psicológica, Injúria e Violência Física, Injúria e Agressão Psicológica e, por fim, Coerção Sexual e Agressão Psicológica tiveram correlação positiva significativa tanto enquanto violências praticadas quanto sofridas pelos participantes nessa amostra. Esses resultados, assim como apontam também outros estudos, confirmam que as violências no âmbito do relacionamento íntimo ocorrem, na maior parte das vezes, simultaneamente, onde coexistem violências psicológicas, físicas e sexuais, e que as vítimas passam por múltiplos atos violentos ao longo do tempo (Krug et. al., 2002; Carvalho, 2016; Hacialiefengioğlu et. al., 2021).

Esses achados são convergentes também com estudos de Straus et. al. (1996) e Hines e Saudino (2003), que, baseados na teoria do conflito, apregoam que a agressão verbal contra um companheiro pode funcionar como redutor de tensões em um primeiro momento, porém pode transformar-se progressivamente em abusos de maior severidade, associando-se com a agressão psicológica e a probabilidade de ocorrer violência física. Assim, no Brasil, onde a maioria dos feminicídios são feminicídios íntimos, ou seja, perpetrados pelo parceiro íntimo da vítima, companheiro ou ex-companheiro (Bueno et. al., 2021), é fundamental que sejam realizados estudos no âmbito deste fenômeno visando conhecê-lo para que sejam elaboradas

melhores estratégias de prevenção e tratamento dos perpetradores e das vítimas da violência por parceiro íntimo.

## **5. Considerações Finais**

Esse estudo teve como objetivo analisar as concepções de masculinidade de homens amazonenses e suas relações com violências por parceiro íntimo, sob a hipótese de que a adoção de concepções hegemônicas de masculinidade poderia estar relacionada a maiores índices de perpetração de VPI. Dessa maneira, a partir dos resultados encontrados, foi possível concluir que não ficou demonstrada relação direta e significativa entre as concepções de masculinidade e as violências por parceiro íntimo nessa amostra de homens amazonenses. Essa constatação sugere que outras variáveis podem influenciar a ocorrência dessas violências, como fatores individuais e contextuais.

No entanto, a correlação obtida entre os fatores da Escala de Concepções da Masculinidade indica que existe a tendência dos indivíduos aderirem a um conjunto de concepções da masculinidade hegemônica, o que pode influenciar sua percepção e comportamento em relação à violência. Para homens amazonenses, a concepção da masculinidade hegemônica predominante foi a Provocação Social, o que aponta para o fato de que nas construções do masculino nessa região as brincadeiras e provocações que são realizadas entre os homens com o objetivo de regular suas expressões de gênero estão mais presentes e são mais endossadas que os demais fatores da ECM.

Com relação às violências avaliadas nesse estudo, observou-se que a Agressão Psicológica predominou tanto entre as violências por parceiro íntimo praticadas quanto sofridas na amostra, resultado que converge com os de outros estudos descritos na literatura que apontam que essa é a forma de VPI mais comum. É importante ressaltar ainda que as correlações observadas entre as violências sofridas e praticadas sugerem uma relação mútua

entre a vitimização e a perpetração desse tipo de violência. Isso destaca a relevância de programas que abordem ambos os grupos, oferecendo suporte e intervenção para vítimas e também trabalhando com os agressores, com o objetivo de interromper o ciclo de violência.

Diante da complexidade do tema, também é fundamental considerar abordagens multidisciplinares para compreender e prevenir as violências por parceiro íntimo. Além das concepções de masculinidade, é necessário levar em conta a interseccionalidade, ou seja, as diferentes dimensões de identidade que podem influenciar a experiência da violência, como gênero, raça, etnia, orientação sexual e classe social. Além disso, é essencial considerar o contexto sociocultural em que esses comportamentos são moldados e perpetuados.

Esse estudo apresentou limitações com relação à amostra avaliada, uma vez que ela não é representativa da população geral. Os homens participantes, em sua maioria, possuíam ensino superior e pós-graduação em andamento ou concluídas. Entende-se que esse pode ser um viés, uma vez que esse nível de escolaridade não representa a maioria da população amazonense e, ainda, que a educação é um fator que favorece a reflexão e a tomada de decisão, moderando concepções mais rígidas e tradicionais de masculinidade, bem como eventuais atos de violência por parceiro íntimo.

Outro fator a se levar em consideração ao analisar os resultados desse estudo é a possível influência exercida pela desejabilidade social sobre as respostas obtidas. A violência é uma questão complexa e admitir sua prática pode ser um desafio aos participantes. Um dado da pesquisa que parece corroborar essa ideia é o fato de que o único fator referente a VPI que obteve escore mais alto quando praticado do que quando sofrido foi a Coerção Sexual.

Esse estudo poderá ser útil para pesquisas futuras a partir da comparação dos resultados encontrados nessa amostra, além de servir como norte para o desenvolvimento de políticas públicas e de programas com homens autores de VPI. A análise da relação entre VPI

e masculinidades requer uma compreensão aprofundada e contínua, sendo necessário explorar novas perspectivas e continuar realizando estudos para obter uma visão abrangente sobre o tema. Outros estudos podem comparar as VPIs na perspectiva do outro parceiro(a), examinar os contextos nos quais elas ocorrem e também analisar através de uma perspectiva qualitativa de que maneira as concepções de masculinidade refletem nos relacionamentos. Somente assim, através de uma abordagem ampla e multidisciplinar, poderão se desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção, visando a promoção de relacionamentos saudáveis e a redução da violência por parceiro íntimo no âmbito da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- Addis, M. & Mahalik, J. (2003). Men, masculinity and the contexts of help seeking. *American Psychologist*, 58 (1), 5-14.
- Bourdieu, P. (2020) *A dominação masculina*. (18ª edição). Ed. Bertrand.
- Bueno, M.; Bohnenberger, L. & Sobral, J. (2021) *A violência contra meninas e mulheres no ano pandêmico*. In: Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 15, p. 93-100.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (Renato Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campbell, J. C., Webster, D., Koziol-McLain, J., Block, C., Campbell, D., Curry, M. A., Gary, F., Glass, N., McFarlane, J., Sachs, C., Sharps, P., Ulrich, Y., Wilt, S. A., Manganello, J., Xu, X., Schollenberger, J., Frye, V., & Laughon, K. (2003). Risk factors for femicide in abusive relationships: results from a multisite case control study. *American journal of public health*, 93(7), 1089–1097. <https://doi.org/10.2105/ajph.93.7.1089>
- Carvalho, C. (2016). *Correlação entre o consumo de álcool e violência entre parceiros íntimos numa amostra de estudantes universitários*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).
- Cerqueira, D. (Org.). (2021). Atlas da violência 2021. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Colossi, P.; Marasca, A. & Falcke, D. (2015a). De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico* [S. 1], v. 46, n. 4, p. 493-502.



- Colossi, P.; Razera, J.; Haack, K. & Falcke, D. (2015b). Violência conjugal: prevalência e fatores associados. *Contextos clínicos*, 8 (1), 55-66.
- Connell, R. (2005). *Masculinities*. 2nd ed. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. & Messerschmidt, J. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21 (1). Disponível em: <https://tinyurl.com/y8mwjrj6>
- Courtenay, W. (2000) Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: A theor of gender and health. *t*, 50(10), 1385-1401.
- Dancey C. & Reidy, J. (2013). *Estatística sem matemática para psicologia usando SPSS para Windows*. Ed. Artes Médicas.
- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis – FONAPRACE (2019). *V pesquisa nacional do perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES – 2018*. ANDIFES.
- Guerra, V., Scarpati, A., Duarte, C., Silva, C., & Motta, T. (2014). Ser homem é...: adaptação da escala de concepções da masculinidade. *Psico-usf*, 19(1), 155–165. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100015>
- Guerra, V., Scarpati, A., Brasil, J., Livramento, A., & Silva, C. (2015). Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. *Psicologia e Saber Social*, 4(1), 72-88. doi:<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2015.14840>
- Hacialiefendioğlu, A.; Yilmaz, S; Koyutürk, M & Karakurt, G. (2021). Co-occurrence Patterns of Intimate Partner Violence. *Pac Symp Biocomput*; 26:79-90.
- Herek, G. (1990). The context of anti-gay violence: notes on cultural and psychological heterosexism. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 5, n. 3, 316-333

- Hines, D. & Saudino, K. (2003). Gender differences in psychological, physical, and sexual aggression among college students using the Revised Conflict Tactics Scales. *Violence & Victims*, 18(2), p.197-217.
- Kimmel, M. (2016). Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção da identidade de gênero. *Equatorial*, 3(4), pp. 97-124. Disponível em: <https://tinyurl.com/jp9y9fcx>
- Krug, E.; Dahlberg, J.; Mercy, J. Zwi, A. & Lozano, R. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde.
- Maciel Junior, P. (2006). *Tornar-se Homem - O projeto masculino na perspectiva de gênero*. (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Moraes, C.; Hasselmann, M. & Reichenheim, M. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos Saúde Pública*, 18(1): 163-176.
- Oransky, M. & Fisher, C. (2009). The development and validation of the Meanings of Adolescent Masculinity Scale. Bloomington: *Psychology of men & masculinity*, 10(1), 57-72.
- Organização Mundial da Saúde (2010). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência*. Organização Mundial da Saúde, Washington, D.C. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/3661>
- Organização Mundial da Saúde (2015). *Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014*. São Paulo: Núcleo de estudos da violência da Universidade de São Paulo.

- Pico-Alfonso, M. A., Garcia-Linares, M. I., Celda-Navarro, N., Blasco-Ros, C., Echeburúa, E., & Martinez, M. (2006). The impact of physical, psychological, and sexual intimate male partner violence on women's mental health: depressive symptoms, posttraumatic stress disorder, state anxiety, and suicide. *Journal of women's health (2002)*, *15*(5), 599–611. <https://doi.org/10.1089/jwh.2006.15.599>
- Ramos, S. (Org.) (2021). *A dor e a luta: números do feminicídio*. Rede de Observatórios da Segurança/CESeC, Rio de Janeiro.
- Rios, R. (2007). *O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação*. In: Pocahy, F. *Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea*. Políticas, teoria e atuação. Nuances, 2007.
- Saffioti, H (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu* (16), p. 115-136, 2001
- Schraiber, L., Barros, C., Couto, M., Figueiredo, W. & Albuquerque, F. (2012). Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. v. 15, n.4. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2012000400011>
- Silva, J (2014). *Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem*. 18o REDOR. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- Souza, C (2020). *Identidades masculina e sertaneja e sua relação com o sexismo e cultura da honra no sertão sergipano*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia. Universidade Federal de Sergipe.

- Souza, E. & Pereira, S. (2013). (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 14, n. 4, p. 76–105.
- Straus, M.; Hamby, S.; Boney-McCoy, S. & Sugarman, D. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17:283-316.
- Vissing, Y.; Straus, M.; Gelles, R. & Harrop, J. (1991). Verbal aggression by parents and psychosocial problems of children. *Child Abuse & Neglect*, 15(3), 223–238, 1991. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0145-2134\(91\)90067-N](https://doi.org/10.1016/0145-2134(91)90067-N)
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da Violência 2015 – Homicídios de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA – Centro de Estudos Latino Americanos/FLACSO; Brasília: SEPIR/PR. Disponível em: <https://tinyurl.com/45j3cjh5>
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460–482. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>
- World Health Organization (2018). *Violence against women prevalence estimates, 2018*. World Health Organization, on behalf of the United Nations Inter-Agency Working Group on Violence Against Women Estimation and Data (UNICEF, UNFPA, UNODC, UNSD, UNWomen).
- Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* (1a ed.). Curitiba: Appris.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho consistiu de dois estudos: uma revisão integrativa da literatura científica brasileira sobre as relações entre masculinidades e violências, e uma pesquisa empírica acerca das correlações de concepções da masculinidade hegemônica e suas relações com violências por parceiro íntimo, realizada com homens residentes no Amazonas, utilizando a Escala de Concepções da Masculinidade e a *Revised Conflict Tactics Scales 2*. A partir dos resultados obtidos, pode-se concluir que as concepções de masculinidade hegemônica e seus desdobramentos estão presentes e têm impactos significativos na vida dos homens e da sociedade como um todo.

Na revisão integrativa da literatura, as pesquisas analisadas evidenciaram a influência da masculinidade hegemônica nas experiências dos homens em diversas esferas. As construções tradicionais de masculinidade, calcadas em ideais como virilidade, valentia e controle sobre os corpos femininos, foram citadas por homens em contextos de violência. Observou-se também que a desresponsabilização masculina e a naturalização de comportamentos violentos são características que perpetuam o ciclo da violência, alimentadas por essas concepções de gênero e masculinidades tradicionais.

Além disso, essas normas de gênero também afetam negativamente os próprios homens, que lideram as estatísticas de atendimentos hospitalares e homicídios como vítimas de violência. Também foi observada a ocorrência relevante de violência autodirigida em homens que estão distantes ou não se enquadram nas concepções hegemônicas de masculinidade, como homens idosos, gays e bissexuais. Portanto, concluiu-se que é essencial aprofundar os estudos sobre as relações entre masculinidades e essas diversas ocorrências de violências, com o objetivo de minimizar o impacto desses problemas, envolvendo a participação ativa dos homens no debate e na transformação de suas masculinidades.

No segundo estudo, uma pesquisa empírica realizada com homens residentes no Amazonas a partir da Escala de Concepções da Masculinidade (ECM), que mede a adesão a concepções da masculinidade hegemônica, e da *Revised Conflict Tactics Scales 2* (CTS-2), que mede a ocorrência da utilização de determinadas táticas de conflito - que incluem violências físicas, psicológicas e sexuais - no âmbito de um relacionamento íntimo, constatou-se que, para os homens amazonenses, as médias dos fatores Heterossexismo e Restrição Emocional da ECM foram mais baixas em comparação a outros estudos semelhantes. Isso pode ser atribuído ao recorte da amostra, composta principalmente por homens jovens e com nível de escolaridade superior, que podem possuir concepções de masculinidade mais moderadas e flexíveis. No entanto, o fator Provocação Social obteve média mais elevada na amostra de homens amazonenses, o que indica que essa é a concepção de masculinidade predominante nessa região.

Embora os fatores de masculinidade hegemônica medidos pela ECM tenham demonstrado relação entre si, não foram encontradas correlações significativas entre as concepções de masculinidade e violências praticadas ou sofridas pelos participantes, o que sugere que outros fatores individuais e contextuais podem influenciar a ocorrência dessas violências. No entanto, é importante ressaltar que as masculinidades são construções mutáveis ao longo do tempo, tornando difícil mensurá-las com precisão. Além disso, a violência também é um fenômeno complexo, influenciado por múltiplos fatores individuais, sociais e culturais.

A relação entre masculinidades e violências pode ser influenciada por uma série de interseccionalidades, como raça, etnia e classe social, o que torna a mensuração precisa dessas influências um desafio. No entanto, estudos têm apontado para a relação entre concepções rígidas de masculinidade e adversidades para a vida dos homens, bem como para comportamentos de risco e problemas de saúde mental. Diante disso, torna-se fundamental o

aprofundamento nas pesquisas sobre as relações entre masculinidades e violências, considerando a diversidade de contextos e as interseccionalidades envolvidas. É necessário desenvolver estratégias de prevenção e tratamento que levem em conta essas complexidades.

Com relação às violências praticadas e sofridas pelos participantes, observou-se que a Agressão Psicológica foi o tipo mais frequente, seguida da Violência Física e da Coerção Sexual. Esses resultados destacam a importância de compreender as múltiplas formas de violência no contexto das relações íntimas, uma vez que elas tendem a ocorrer de maneira sobreposta, o que também se observou nesse estudo. Além disso, a partir das correlações obtidas entre violências por parceiro íntimo praticadas e sofridas também se percebeu a relação direta entre a perpetração e a vitimização da violência. Portanto, é fundamental realizar estudos que aprofundem a investigação desse fenômeno, visando desenvolver estratégias multidisciplinares eficazes de prevenção e tratamento para perpetradores e vítimas de violência por parceiro íntimo que levem em conta a complexidade do problema.

Por fim, pode-se concluir que ambos os estudos abordaram diferentes aspectos das relações entre masculinidades e violências, contribuindo para a compreensão desse fenômeno. Em conjunto, esses trabalhos reforçam a necessidade de aprofundar o estudo das relações entre masculinidades e violências com o objetivo de minimizar o impacto desse problema. É fundamental que os homens sejam implicados e responsabilizados nesse processo, participando do debate e sendo também agentes de mudança e atualização de suas masculinidades. A flexibilização das concepções rígidas, tradicionais e danosas de masculinidade pode trazer benefícios para a saúde mental e física dos homens e de quem eles convivem, além de contribuir para a construção de relações mais igualitárias entre os gêneros.

## ANEXOS

**Anexo 1** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

**Anexo 2** – Termo de Anuência do Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA)

**Anexo 3** – Questionário sociodemográfico

**Anexo 4** – Escala de Concepções da Masculinidade (ECM)

**Anexo 5** – *Revised Conflict Tactics Scales 2* (CTS-2)





UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

---

**ANEXO 1**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **“Concepções de masculinidade e violência por parceiro íntimo: um estudo com homens do Norte do Brasil”**, cujo pesquisador responsável é o psicólogo Ronaldo Braga Dantas Filho, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gisele Cristina Resende. O objetivo do estudo é analisar concepções de masculinidade de homens do Norte do Brasil e suas relações com experiências de violências por parceiro íntimo.

O senhor tem plena liberdade de recusar a participação ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Caso aceite participar, a sua participação consiste em responder, através da plataforma *Google Forms* ou presencialmente, a um questionário sociodemográfico e dois instrumentos de pesquisa que se destinam a avaliar suas concepções de masculinidade e violências por parceiro íntimo praticadas e sofridas ao longo de sua vida.

A confidencialidade de seus dados está resguardada através da não-identificação de informações que possam relevar sua identidade. O conteúdo será acessado apenas pelo pesquisador e seu orientador. Além disso, os resultados serão apresentados com o resguardo total da confidencialidade do senhor todos os demais participantes.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, um dos riscos é a possibilidade de deparar-se com conteúdos psicológicos sensíveis, que podem causar reações emocionais indesejadas. Caso sinta-se constrangido ou incomodado, o senhor poderá encerrar sua participação na pesquisa a qualquer momento. Caso seja necessária assistência prolongada, o senhor poderá ser encaminhado ao Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA), vinculado à Faculdade de Psicologia (FAPSI/UFAM), cuja assistência é gratuita. O CSPA fica localizado na Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 6.200, Setor Sul, Bloco X,

Rubrica do pesquisador responsável:

A handwritten signature in black ink that reads "R. Dantas Filho".



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

---

Coroado I, Manaus - AM, CEP 69067-005; com os números de telefone (92) 33051181 (Ramal 2582) e (92) 993561677.

Ressalta-se ainda que pesquisas realizadas em meio virtual possuem vantagens e riscos próprios dessa modalidade de coleta de dados. Identifica-se como um risco nesse estudo a possibilidade de divulgação de dados confidenciais. Portanto, visando minimizar esse risco, estão sendo utilizadas neste estudo plataformas virtuais reconhecidas pela sua segurança no que tange à confidencialidade dos dados, tanto para a aplicação do questionário quanto para armazenamento de dados decorrentes do estudo. Além disso, a senhor tem a liberdade de não responder questões que lhe causem constrangimento. Todas as informações coletadas durante a pesquisa serão armazenadas em HD externo de uso pessoal e exclusivo do pesquisador. Caso seja necessário, para fins acadêmicos e relevantes à execução do estudo, a orientadora poderá também obter acesso a esses dados. Eles serão guardados por um período mínimo de cinco anos e posteriormente descartados em definitivo.

Garantimos ao senhor a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica, divulgando-se os resultados da pesquisa apenas em termos grupais, sem identificar os participantes.

Além disso, também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: a) promover reflexão acerca das questões de gênero, masculinidades hegemônicas e suas relações com violências por parceiro íntimo; b) contribuir para a investigação e o desenvolvimento dos estudos de gênero, masculinidades e violência por parceiro íntimo. Ao participar deste estudo, o senhor não terá qualquer ônus, e nem sempre será diretamente beneficiado, uma vez que não serão repassados resultados individuais para os participantes, mas estará contribuindo para o conhecimento científico sobre o tema.

Se julgar necessário, o senhor dispõe de tempo para que possa refletir sobre a sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Rubrica do pesquisador responsável:

*R. Santos Filho*



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

---

Asseguramos ao senhor o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos, indiretos, imediatos e tardios decorrentes da participação no estudo, pelo tempo que for necessário. Também estão assegurados o direito a pedir indenizações e de cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante dela. O pesquisador adotará todas as medidas cabíveis para proteger os participantes e dirimir qualquer tipo de constrangimento ou sofrimento, acolhendo e encaminhando, se necessário, para o Centro de Serviço de Psicologia Aplicada - CSPA, localizado à Avenida Rodrigo Otávio, 6200 – Setor Sul – Campus Universitário – Bloco X. Endereço eletrônico: [cspapsicologiaufam@gmail.com](mailto:cspapsicologiaufam@gmail.com). Telefone: 3305-1181 Ramal 2581 (Faculdade de Psicologia).

O senhor pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis a qualquer tempo para informação adicional através dos e-mails [ronaldodantapsi@gmail.com](mailto:ronaldodantapsi@gmail.com) e [megiseleresende@ufam.edu.br](mailto:megiseleresende@ufam.edu.br), bem como no endereço - Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, nº 3000 - Campus Universitário - Coroadó e telefone 3305-1181 Ramal 2583 (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas).

O senhor também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica localizado na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: [cep@ufam.edu.br](mailto:cep@ufam.edu.br). O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Rubrica do pesquisador responsável:

*R. Dantas Filho*



**UFAM**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

---

Este documento (TCLE) será elaborado em DUAS VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo senhor, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um. O documento também se encontra disponível para download através do seguinte link: <https://shre.ink/SJJ>. Recomenda-se que este seja baixado, impresso, assinado e guardado para posteriores consultas.

#### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar desta pesquisa.

( ) Sim

( ) Não

Manaus, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura do Participante

*Ronaldo Braga Dantas Filho*

---

Assinatura

do

Pesquisador

Responsável

**ANEXO 2**  
**TERMO DE ANUÊNCIA DO CENTRO DE SERVIÇOS DE PSICOLOGIA  
APLICADA (CSPA)**



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Amazonas  
Centro de Serviço de Psicologia Aplicada - FAPSI

**DECLARAÇÃO**

Em resposta ao Processo SEI nº 23105.013359/2022-98, declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com o atendimento psicológico, caso necessário, aos participantes da pesquisa intitulada "Concepções de masculinidade e violência por parceiro íntimo: um estudo com homens do Norte do Brasil". A referida pesquisa será desenvolvida pelo mestrando Ronaldo Braga Dantas Filho, sob orientação da Profa. Dra. Gisele Cristina Resende.

Atenciosamente,

Manaus, 08 de abril de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 08/04/2022, às 18:21, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539 de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0942211** e o código CRC **28E707DE**.

Av. General Rodrigo Otávio, 6200 - Bairro Coroado I Campus Universitário, Setor Sul, Bloco X - Telefone:  
(92) (92) 3305-1181 / Ramal 2583  
CEP 69080-900 Manaus/AM - [cspa.fapsi@ufam.edu.br](mailto:cspa.fapsi@ufam.edu.br)

Referência: Processo nº 23105.013359/2022-98

SEI nº 0942211

**ANEXO 3****Questionário sociodemográfico****Idade:** \_\_\_\_\_**Onde você nasceu?** \_\_\_\_\_**Em que estado da região Norte você reside atualmente?**

- Acre  Amapá  Amazonas  Pará  Rondônia  
 Roraima  Tocantins

**Qual é a sua escolaridade?**

- Ensino fundamental incompleto  Ensino fundamental completo  
 Ensino médio incompleto  Ensino médio completo  
 Ensino superior incompleto  Ensino superior completo  
 Pós-graduação incompleta  Pós-graduação completa

**Qual a sua ocupação atual?** \_\_\_\_\_**Qual a sua renda mensal individual?**

- De R\$0 a R\$596  De R\$597 a R\$1.193  
 De R\$1.194 a R\$1.790  De R\$1.791 a R\$2.386  
 De R\$2.387 a R\$4.773  De R\$4.774 a R\$11.933  
 De R\$ 11.934 a R\$23.867  Acima de R\$23.868

**Qual o seu estado civil atual?**

- Solteiro  Casado ou união estável  Divorciado ou separado  
 Viúvo  Outro: \_\_\_\_\_

**Como você se identifica no que se refere a cor/raça?**

- Preto  Pardo  Indígena  Amarelo  Branco  
 Outro: \_\_\_\_\_

**Qual a sua orientação sexual?**

- Heterossexual  Homossexual  Bissexual  Panssexual  
 Asexual  Outro: \_\_\_\_\_

**Qual a sua religião?**

- Católico  Evangélico  Espírita  Umbanda  
 Candomblé  Ateu/Agnóstico/Sem religião  Outro: \_\_\_\_\_

**ANEXO 4****Escala de Concepções da Masculinidade (ECM)****01. É difícil levar a sério um homem que usa esmalte de unha**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**02. É embaraçoso ter muitos amigos gays**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**03. Aparentar ser gay faz com que um homem pareça menos homem**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**04. Não tem nada de errado com um homem que zoa os seus amigos**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**05. Agir como homem deveria ser o objetivo mais importante para rapazes**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**06. Homens não deveriam falar sobre suas preocupações uns com os outros**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**07. Uma boa maneira de parecer homem é evitar agir como um gay**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**08. Não importa o que aconteça, um homem deve aparentar ser forte para outros**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**09. Quando um homem sente medo, deveria manter isso pra si mesmo**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**10. Um homem deveria se sentir envergonhado de correr como uma garota**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**11. É normal para os homens zoar seus amigos**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**12. Ser zoado ajuda os homens a se tornarem durões**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**13. É difícil respeitar um homem que demonstra seus sentimentos**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**14. Existe algo de errado se um homem quer fazer uma atividade feita por mulheres**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**15. Para ser aceito, os homens devem ser capazes de zoar outros**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo

**16. Homens de verdade nunca agem como uma menina**

Discordo  Discordo parcialmente  Concordo parcialmente  Concordo



## ANEXO 5

## Revised Conflict Tactics Scales (CTS-2)

## Escala de Táticas de Conflito Revisada

Mesmo que um casal se relacione bem, tem vezes em que um discorda do outro, se chateia com o outro, quer coisas diferentes ou discutem e se agredem apenas porque estão de mau humor, cansados ou por outra razão qualquer. Os casais também tem maneiras diferentes de tentar resolver seus problemas. Esta é uma lista de coisas que podem acontecer quando existem diferenças ou desavenças entre um casal. Por favor, marque quantas vezes você fez cada uma dessas coisas no ano passado, e quantas vezes seu(sua) companheiro(a) as fez nesse mesmo período.

0. Isso nunca aconteceu
1. Uma vez no ano passado
2. Duas vezes no ano passado
3. De 3 a 5 vezes no ano passado
4. De 6 a 10 vezes no ano passado
5. De 11 a 20 vezes no ano passado
6. Mais de 20 vezes no ano passado
7. Nenhuma vez o ano passado, mas aconteceu antes

	0	1	2	3	4	5	6	7
	Isso nunca aconteceu	Uma vez no ano passado	Duas vezes no ano passado	De 3 a 5 vezes no ano passado	De 6 a 10 vezes no ano passado	De 11 a 20 vezes no ano passado	Mais de 20 vezes no ano passado	Nenhuma vez no ano passado, mas aconteceu antes
<b>1a.</b> Você mostrou que se importava com ele mesmo que estivessem discordando?	0 ( )	1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )	6 ( )	7 ( )
<b>1b.</b> Seu companheiro mostrou que se importava com você mesmo que vocês estivessem discordando?	0 ( )	1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )	6 ( )	7 ( )

<b>2a.</b> Você explicou para seu companheiro(a) o que você não concordava com ele?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>2b.</b> Seu companheiro(a) explicou para você o que ele não concordava com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>3a.</b> Você insultou ou xingou o seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>3b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>4a.</b> Você jogou alguma coisa no seu companheiro(a) que poderia machucá-lo?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>4b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>5a.</b> Você torceu o braço do seu companheiro(a) ou puxou o cabelo dele?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>5b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )

<b>6a.</b> Você teve uma torção, contusão, “mancha roxa” ou pequeno corte por causa de uma briga com seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>6b.</b> Seu companheiro(a) teve uma torção, contusão, “mancha roxa” ou pequeno corte por causa de uma briga com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>7a.</b> Você mostrou que respeitava os pontos de vista e os sentimentos dele?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>7b.</b> Seu companheiro(a) mostrou que respeitava os seus pontos de vista e os seus sentimentos?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>8a.</b> Você obrigou o seu companheiro(a) a fazer sexo sem usar camisinha?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>8b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>9a.</b> Você deu um empurrão no seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )

<b>9b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>10a.</b> Você usou de força como, por exemplo, segurar ou bater nele ou usar uma arma, para obrigar o seu companheiro(a) a fazer sexo oral ou anal com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>10b.</b> Seu companheiro(a) fez isso?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>11a.</b> Você usou uma faca ou arma contra o seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>11b.</b> Seu companheiro (a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>12a.</b> Você desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com o seu companheiro (a)?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>12b.</b> Seu companheiro(a) desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )

você?								
<b>13a.</b> Você chamou o seu companheiro(a) de gordo/a, feio/a ou alguma coisa parecida?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>13b.</b> Seu companheiro(a) chamou você de gorda/o, feia/o ou alguma coisa parecida?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>14a.</b> Você deu um murro ou acertou o seu companheiro(a) com alguma coisa que pudesse machucar?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>14b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>15a.</b> Você destruiu alguma coisa que pertencia ao seu companheiro(a) de propósito?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>15b.</b> Seu companheiro(a) fez isso?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>16a.</b> Você foi a um médico ou serviço de saúde por causa de uma briga com seu companheiro?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )

<b>16b.</b> Seu companheiro(a) foi ao médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>17a.</b> Você sufocou ou estrangulou seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>17b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>18a.</b> Você gritou ou berrou com o seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>18b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>19a.</b> Você jogou o seu companheiro(a) contra a parede com força?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>19b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>20a.</b> Você disse para ele que achava que vocês poderiam resolver o problema?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>20b.</b> Seu companheiro(a) disse que achava que você	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>

poderiam resolver o problema?	( )	( )	( )	( )	( )	( )	( )	( )
<b>21a.</b> Você deveria ter ido a um médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com seu companheiro, mas não foi?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>21b.</b> Seu companheiro(a) deveria ter ido a um médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com você, mas não foi?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>22a.</b> Você deu uma surra no seu companheiro?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>22b.</b> Seu companheiro fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>23a.</b> Você segurou o seu companheiro com força?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>23b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>24a.</b> Você usou de força como, por exemplo, segurar ou bater nele ou usar uma arma para obrigar o seu companheiro(a)	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )

a fazer sexo com você?								
<b>24b.</b> Seu companheiro(a) fez isso?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>25a.</b> Você virou as costas e foi embora no meio de uma discussão?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>25b.</b> Seu companheiro(a) fez isso?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>26a.</b> Você insistiu em fazer sexo quando o seu companheiro(a) não queria sem usar força física?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>26b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>27a.</b> Você deu um tabefe ou bofetada no seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>27b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>28a.</b> Você quebrou um osso por causa de uma briga com seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )



<b>28b.</b> Seu companheiro(a) quebrou um osso por causa de uma briga com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>29a.</b> Você fez ameaças para obrigar o seu companheiro(a) a fazer sexo oral ou anal com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>29b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>30a.</b> Você sugeriu que procurassem juntos uma solução para resolver as diferenças ou desavenças?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>30b.</b> Seu companheiro(a) fez isso?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>31a.</b> Você queimou ou derramou líquido quente em seu companheiro(a) de propósito?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>31b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>32a.</b> Você insistiu para que seu companheiro(a) fizesse sexo oral	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )

ou anal com você sem usar força física?								
<b>32b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>33a.</b> Você acusou o seu companheiro(a) de ser “ruim de cama”?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>33b.</b> Seu companheiro(a) acusou-o(a) disso?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>34a.</b> Você fez alguma coisa para ofender o seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>34b.</b> Seu companheiro(a) fez isso?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>35a.</b> Você ameaçou acertar ou jogar alguma coisa no seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>35b.</b> Seu companheiro(a) fez isso?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>36a.</b> Você sentiu dores no corpo que duraram até o dia seguinte por causa de uma briga com o seu companheiro(a)	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )

?								
<b>36b.</b> Seu companheiro(a) sentiu dores no corpo que duraram até o dia seguinte por causa de uma briga com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>37a.</b> Você chutou o seu companheiro(a) ?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>37b.</b> Seu companheiro(a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>38a.</b> Você fez ameaças para obrigar o seu companheiro(a) a fazer sexo com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>38b.</b> Seu companheiro (a) fez isso com você?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>39a.</b> Você concordou com a solução que foi sugerida por ele?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )
<b>39b.</b> Seu companheiro(a) concordou em tentar uma solução que você sugeriu?	<b>0</b> ( )	<b>1</b> ( )	<b>2</b> ( )	<b>3</b> ( )	<b>4</b> ( )	<b>5</b> ( )	<b>6</b> ( )	<b>7</b> ( )